



FRANCISCO VASCONCELOS



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 - 2018

REGIME DAS ÁGUAS



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda - v. 33



NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda – v. 33

REGIME DAS ÁGUAS

FRANCISCO VASCONCELOS



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
(1918-2018)



DIRETORIA
BIÊNIO 2020/2021

Presidente
ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente
MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral
EULER ESTEVES RIBEIRO

Secretário-Adjunto
ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro
ABRAHIM SENA BAZE

Tesoureiro-Adjunto
FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio
CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos
MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições
JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal
MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO
LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA
MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes
SERGIO VIEIRA CARDOSO
JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com

E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

SUMÁRIO

Palavra do Presidente 7

Da mesa do editor 9

Regime das águas 11

© **Francisco Vasconcelos**, 2021

Coordenação Editorial
José Braga

Comissão Editorial

Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira,
José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso,
Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial
Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico
Marcicley Reggo

Imagem da capa
©jkraft5/Envato

Digitalização dos originais
Roumen Koynov

Ficha catalográfica
Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V331r Vasconcelos, Francisco, 1936-2016

Regime das águas. Manaus: Reggo/Academia
Amazonense de Letras, 2021.

Edição digital (formato .pdf)
Coleção Pensamento Amazônico.
Série João Leda – v. 33;

ISBN 978-65-86325-40-9

1. Literatura brasileira – Conto I. Título

CDD B869.35

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994,
de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98).
Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2021

REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361
N. Sra. das Graças – Sala 303
69053-110 – Manaus-AM

REGGO

Fone: (92) 98817-0172
@editorareggo

PALAVRA DO PRESIDENTE

Robério dos Santos Pereira Braga

Francisco Marques de Vasconcelos Filho (Francisco Vasconcelos), nascido no Município de Coari, no interior amazonense, foi um agitador cultural importante nos anos 1950-1960, liderando e estimulando grande parte dos estudantes, escritores, jornalistas e intelectuais de sua geração em movimentos de arte, debates e literatura, participando ativamente da direção da União dos Estudantes, do Clube da Madrugada e da União Brasileira de Escritores, do Amazonas.

Note-se que, ao modo de Hugo Bellard e Max Carphentier, foi funcionário categorizado do Banco do Brasil, em cujas funções foi transferido, anos mais tarde, para trabalho e residência em Brasília, afastando-se, por isso mesmo, do movimento de escritores em Manaus, mas mantendo os laços de amizade e as relações de admiração e respeito.

Homenageado pela Academia com a Medalha do Mérito Cultural “Pericles Moraes”, em abril de 2010, pouco depois, em 30 de setembro de 2011, ainda sob a presidência de José Braga, foi empossado em uma das cadeiras do Silogeu, a de número 40, patrocinada por Paulino de Brito, na sucessão de Waldemar Baptista de Salles, na qual foi recebido por Elson Farias, em festa que se pode traduzir como um reencontro de grandes e caudalosos rios de poetas e homens de letras, reunidos em uma só ocasião.

A obra que agora se reedita, em forma moderna e para facilitar e ampliar o acesso a quantos se interessam por literatura de amazônidas ou aquela produzida no Amazonas, sob o título de Regime das águas, segundo o próprio autor, teria resultado do impacto que sofreu ao chegar a Manaus pela primeira vez, em busca de estudo, formação humanista e trabalho.

Nela está a Manaus da década de 1940 na visão do poeta. O que ele encontrou ao bater os olhos e sentir a cidade na qual faria história e abriria portas para os caminhos das letras a tantos outros de sua época. Era uma cidade a dever tudo aos seus filhos. As atividades artísticas resultavam do impulso de uns poucos como Nivaldo Santiago e seu entusiasmo, aos quais se veio juntar, pouco depois, o Vasconcellos - o Vascon -, para os mais próximos, seja com a sua forma de atuar na animação cultural, seja com suas publicações na imprensa da capital amazonense e em forma de livros.

Foram dele as iniciativas dos cursos de Cultura Brasileira levados a efeito no Teatro Juvenil, da Divina Providência, o Clube do Livro Madrugada, as páginas de literatura nos jornais diários. São de sua lavra, também, *O palhaço e a rosa*, *Casa ameaçada*, *Coari - o retorno às origens*, *Meus barcos de papel*, *O menino e o velho*, os quais o fizeram poeta e cronista publicado e muito bem apreciado.

Regime das águas é uma novela amazônica por excelência, lançada em 1985, e que, nesta edição da Academia Amazonense de Letras integrando a série João Leda, ganha o ambiente da rede mundial de computadores e engalana, ainda mais, a Coleção do “Pensamento Amazônico” do Silogeu.

DA MESA DO EDITOR

Acadêmico José Braga

O livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o “livro sem papel” muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

REGIME DAS ÁGUAS

DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

Francisco Marques de Vasconcelos Filho nasceu na cidade amazonense de Coari, localizada à margem do lago do mesmo nome, Rio Solimões, a 14 de abril de 1933, filho de Francisco Marques de Vasconcelos e Rita Marques de Vasconcelos, segundo de uma família de cinco irmãos. Passou parte da infância em várias cidades brasileiras, por onde andou seu pai no exercício da profissão de músico militar, como Ponta Grossa no Paraná, Jundiaí em São Paulo e Ipameri em Goiás, voltando a Coari com seis anos, de onde saiu para Manaus, aos dezesseis. Na Capital do Estado fez o curso secundário no Colégio Estadual do Amazonas, ingressando depois na Faculdade de Direito, onde colou grau em 1961. Foi chamado ao mundo do trabalho, desde os onze anos, após a morte do pai. Em 1956 casou com Gracy Montenegro de Vasconcelos, e tem um filho, Francisco Cláudio. Exerceu atividades no comércio, numa oficina de sapateiro, numa cooperativa de consumo, passando a disputar, já em Manaus, através de concurso público, um lugar na sociedade. Fez assim para ingressar na Cia. de Seguros Sul América, em 1953, e no Banco do Brasil, em 1957, Agência de Manaus, onde desempenhou várias funções comissionadas, exercendo, em missão especial, a gerência das agências de Parintins (1965) e Tefé (1968), oportunidade em que retomou contato com a realidade do interior amazônico. Em 1970, convocado para trabalhar na Direção Geral do BB, transferiu-se para o Rio de Janeiro, deslocando-se logo a seguir para Brasília, onde integrou a equipe da Gerência de Operações da 1.ª Região (GERAM), órgão com jurisdição operacional sobre toda a Amazônia. Em 1973, como representante do BB, participou em Belém (PA) do I Programa de Treinamento em Projetos de Desenvolvimento de Áreas Amazônicas, realizado pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará. Em 1979, retornou a Manaus na função de Superintendente Regional de Operações do Amazonas, órgão que jurisdiciona as atividades operacionais do Ban-

co do Brasil no Estado do Amazonas e Território Federal de Roraima.

Desde o ginásio interessou-se pelos movimentos sócio-culturais, tendo sido Diretor de Cultura e Teatro do Centro Estudantil Plácido Serrano, do Colégio Estadual do Amazonas, quando iniciou suas atividades literárias com a publicação de crônicas no jornal O Centro. Fez parte do Grêmio Estudantil Gonçalves Dias. Em 1956, juntamente com João Bosco Evangelista e Antônio Cruz, editou o jornal literário Nossos Dias, que, apesar de ter circulado com apenas três números, representou um marco na história do jornalismo literário do Amazonas. Nas gestões 1959/60 e 60/61, por aclamação de seus colegas universitários foi galgado à presidência da União Estadual de Estudantes, tendo participado de vários congressos nacionais da UNE. Entre outras iniciativas destaca-se a de participação na construção da atual Casa do Estudante, localizada na Rua Barroso, que hoje abriga quase uma centena de universitários, valendo ressaltar o apoio recebido do então Deputado Federal Almino Afonso e da jornalista Paulina Kaz. Reativou as Edições Universitárias, lançadas na década de 40, publicando Problemas Econômicos da Atualidade, de Jefferson Peres e Saul Benchimol, e Barro Verde, livro de estréia de Elson Farias.

Em 1964, volta de Santos, São Paulo, onde se encontrava adido, na Agência do Banco do Brasil e, em Manaus, procurado pelo poeta Sebastião Norões, que se inquietava com a situação do Clube da Madrugada, dispersado pelos acontecimentos políticos de então, aceitou sua eleição para a presidência do Clube, onde desenvolveu intensa atividade na edição de livros, exposições de artes plásticas, promoção de seminários de cultura brasileira e amazônica, dentre outras. Em 1963 estreou nas letras com o livro de contos intitulado O Palhaço e a Rosa, que mereceu de Eneida, em sua coluna no Diário de Notícias, o seguinte registro: "Sem dúvida nenhuma que F.V. merece aplausos pelo seu livro. É um narrador simples, objetivo, dando-nos personagens e fatos da vida comum. Daí ser o seu livro agradabilíssimo. Pena que esses livros das províncias morram nesta cidade (Rio de Janeiro) sem despertar atenção. Francisco Vasconcelos bem merecia com o seu O Palhaço e a Rosa, atenção demorada da crítica e aplausos dos leitores".

APRESENTAÇÃO

Ao reunir, neste pequeno volume, alguns episódios recolhidos ao longo de minha vivência amazônica, obviamente que não tenho a pretensão de contar, com maior abrangência, tudo o que sei e o que sinto a respeito do incrível e imenso mundo desta Amazônia misteriosa. Risco apenas, muito de leve, a superfície de suas águas, mas não ousa penetrar nos mistérios de suas profundezas. Assim, num vôo raso, ligeiro, bordejo-lhe os contornos tão-somente. Digo-lhes, portanto, muito pouco do que há para dizer deste mundo onde parece que a Natureza ainda continua a tentar as suas experiências de criação. A partir do homem e de sua vida, aqui sim, tenho a pretensão de contar alguma coisa a mais e, ainda assim, num registro parcial, incompleto do seu dia-a-dia de esperança e de desenganos.

O autor

“...Nascem, crescem, vivem e morrem na beira do rio. Quer dizer: dentro d’água, na intimidade da água, na contemplação e no amor físico da água. Nem sabem viver longe dela. A água é o seu mundo e o seu destino. Vivem em função dela, e fora dela nem sabem se mexer. O Bem e o Mal — o prazer, o trabalho, o repouso — tudo eles encontram no rio, no igarapé, no igapó — na água...”

Peregrino Junior



Naquele ano as águas começaram a subir bem mais cedo, de muito ultrapassando as marcas deixadas nos anos anteriores. Dos altos rios, trazida pelos regatões e viajantes, a notícia de muita água lá por cima, indesejável notícia, principalmente para quantos viviam nos beiradões, lindeiros do rio, os produtores das várzeas. Era

a enchente que se anunciava, talvez uma “cheia”, levando aos ribeirinhos a incerteza de mais uma safra.

E na continuada expectativa de todos os anos, provavelmente mais um de resultados duvidosos. As águas, como tantas vezes já acontecera, dizimariam as criações e destruiriam as plantações das várzeas. Os jutais, como as esperanças, seriam afogados antes do tempo, e os ribeirinhos, cuja vida e tudo mais que tinham nada mais era que consequência direta do regime das águas, muitos haveriam de procurar as cidades, onde por certo encenariam o drama dos carentes, reprisando cenas já vividas antes, a última vez não fazia muito tempo ainda.

Na verdade, àquela altura, outra coisa não se podia esperar. Não fora sempre assim? Bem

lembrados e ainda muito sentidos eram os efeitos da última grande enchente, os casebres de palha se espalhando na periferia da cidade, miseráveis palhoças flutuantes se insinuando ao longo dos outrora limpos igarapés e, nas ruas, de forma incontrolável, a mendicância crescendo a cada dia, enorme ferida exposta.

Dentro em breve os jornais voltariam a reclamar providências. E como sempre ocorria, mais uma vez criticariam a passividade observada por ocasião das últimas enchentes, do que resultara o inevitável êxodo e todo aquele quadro de miséria agora incorporado ao dia-a-dia da cidade, cujo sorriso há muito se escondera de uma vez por todas.

Campanhas de benemerência também haveriam de se repetir, e todas enfatizariam os seus propósitos filantrópicos, na convincente invocação das "vítimas da enchente", ou no dramático apelo: "ajude um ribeirinho a sobreviver." Das tribunas ecoariam discursos impregnados de protestos e reivindicações, e dos púlpitos se invocaria a caridade cristã, no sempre lembrado e reclamado amor devido ao próximo. Comissões de respeitáveis senhoras da sociedade percorreriam o comércio, inundando a cidade de listas e de tômbolas.

E também porque sempre fora assim, *urgentes medidas* seriam anunciadas com grande divulgação. Falar-se-ia mais uma vez em *plano de emergência*, e avisos oficiais recheados de promessas e propósitos precederiam as intenções de ajuda. Que confiassem os ribeirinhos! Que confiassem e aguardassem!..

De todo aquele *esforço* dariam conta os jornais, estampando nas primeiras páginas clichês de casas e plantações submersas, para o que possivelmente haveriam de aproveitar velhas fotos de enchentes já passadas.

As águas... Até quando continuariam a subir? E as populações ribeirinhas, por quanto tempo ainda esperariam, até a decisão de partir e procurar as cidades, principalmente aqueles que nada tinham a perder, tantos, vítimas que eram da inconstância de um meio incerto e traiçoeiro, sobre o qual as suas forças eram inúteis e, em todos os sentidos, inteiramente vãs as intenções de luta?

Em meio a tantas preocupações, havia também os que encaravam o problema por prisma

bem diferente daquele oferecido pela dura realidade que, exa-
geros à parte, já se mostrava realmente ameaçadora. Para es-
ses, que subissem as águas! E por que maldizê-las se, pródi-
gas e a maior parte do tempo benfazejas, de tudo proviam o
homem? Quantas vezes o seu subir ou descer não ocorriam
exatamente no oportuno momento, assegurando-lhe a vida,
nas dadivosas colheitas que propiciavam? Não haveria, assim,
entre elas e o homem, perfeito entendimento, ele consciente
de que vez por outra a exceção se faria, por necessário equilí-
brio de um sistema naturalmente posto e, por isso mesmo,
devidamente ajustado à telúrica realidade? Avisos, a man-
cheias, não deixava de dar a natureza, com cuidadosa antece-
dência, de que o seu comportamento poderia modificar-se. E o
homem os recebia, a todos traduzindo com tranqüila segurança
de compreensão. Mesmo assim, preferia manter inalterados os
atávicos costumes. Por que, à semelhança dos japós, que nos
galhos mais altos fazem o ninho, não subia ele as barrancas
para lá em cima edificar a sua morada? Por que sempre o "lá
embaixo"? Que estranha compulsão era aquela que o impedia
de buscar o alto e, em terra-firme, fincar as estacas de sua se-
gurança?

As águas, assim, subiriam,
como tantas vezes já acontecera antes. E mais uma vez se re-
petiria o drama dos jutais afogados, frustrando aspirações e in-
terrompendo a enganosa esperança de dias melhores. Por al-
gum tempo o homem seria triste e pensaria seriamente em re-
cuar. Alguns, não havia dúvida, recuariam. Muitos, todavia,
passado o instante da incerteza, felizes demandariam os beira-
dões e novamente possuiriam a terra, fecundando, com seu
trabalho, as renovadas várzeas, delas tirando em dobro o que
antes fora destruído. E outra vez, como sempre, as águas se-
riam benditas.

A enchente, entretanto, progre-
dia. Os jutais, principalmente os plantados em terras mais
baixas, já não ofereciam esperança de colheita. E inúmeros já
eram os produtores que antecipavam providências, alguns, os
mais prósperos, construindo jiraus ou improvisando marom-
bas. A grande maioria, porém, nada podia fazer senão aguardar,
confiantes, muitos, nas repetidas promessas de ajuda,
esperançosos, todos, de que um milagre acontecesse.

Naquele ano, tempo de muito
sofrer, muitas promessas foram feitas...



mesmado dia-a-dia. Vivendo de um passado de euforia e encantamento, parecia comprazer-se em *ter sido*, na indiferente postura dos que nada mais esperam.

Quanta coisa tivera, e quantos momentos de fausto já vivera! Mas bem longe já iam os dias daquele alumbramento, quando, na vivência orgulhosa da faiceira cortesã que fora, chegara a namorar o mundo, recebendo com abraços de muita ternura a quantos forasteiros a buscavam na esperança de também participar de seus dotes de menina rica.

As suas ruas, agora tristes, adormeciam cedo, sem mais a luz dos lampiões que outrora a tornavam risonha e buliçosa. E em vigília apenas a alma e o lento ânimo dos boêmios, que insistiam em manter acesa a chama de velhas tradições, num teimoso tentar reviver os mo-

mentos felizes e fugazes que a história registrava com requintes de injustificado ufanismo.

Nem segredos mais havia a ocultar. Suas casas, não poucas, tinham história, agora de todos sabida, e tudo se ligava ao passado de saudosas reminiscências. Ah! os tempos da borracha, paradoxalmente inelásticos tempos. Aqui e ali, como marcos de perenes lembranças, os palacetes dos velhos coronéis, senhores que tinham sido de muitos haveres e dos quais só restava a tradição dos outrora respeitáveis nomes, único legado ainda válido para alguns, bem poucos.

Mesmo assim, inerte e de quase tudo desprovida, nada mais podendo oferecer aos que a procuravam, constituía ainda o inevitável refúgio dos que abandonavam os beiradões, na vã esperança de melhores dias. Como, pois, acolher os que viriam? E quantos se tornariam párias, sem trabalho e sem alento, quantos?

Era plenamente justificável aquela apreensão que a todos assaltava. E até mesmo porque nada acontecia que despertasse maior interesse, a enchente passou a ocupar as primeiras páginas dos jornais que, sem exceção, davam conta de todos os pormenores do fenômeno, noticiando com grande alarde o que se prenunciava a TRAGÉDIA DO ANO.

Enquanto isso, nos mercados e feiras, toda a ganância e exploração se levava à conta das águas, não faltando quem acusasse o produtor de aproveitar-se da oportunidade.

— São uns ladrões! — reclamava uma dona de casa, protestando irritada contra o elevado preço que lhe cobravam por uma dúzia de ovos.

— Falta de vergonha! — atalhava circunspecto cidadão, funcionário público aposentado, que momentos antes, com ares de grande apreensão, conversara com um velho companheiro de repartição sobre a terrível possibilidade de voltarem à miséria por que haviam passado há poucos anos, quando o Estado, os cofres vazios por não ter o que tributar, lhes atrasara por muitos meses os vencimentos, deixando-os em situação de extrema penúria.

Na verdade, de que se bastariam os cofres públicos sem o imposto cobrado sobre a juta,

naqueles tempos sua principal e quase única fonte de renda? A borracha há muito que caíra, e o comércio, cada vez mais decadente, em pior situação ficaria dali por diante.

— É... Vai ser difícil! Isto aqui vai virar *porto-de-lenha*! — concluía, entre resmungos, o velho aposentado.

De um alto-falante pendurado num poste na praia do mercado, em meio a anúncios comerciais e a repetidas notícias de chegadas e partidas de barcos de recreio, a informação de que as águas do Rio Negro haviam subido dez centímetros nos últimos dois dias, elevando a mais de vinte metros a quota sobre o nível do mar...



Debruçado na janela do barraco, Zé Pedro olhava aquele mundão d'água lá embaixo, quase lambendo o jital que, cedo ainda pro corte, brevemente estaria de molho, mas inteiramente perdido. Bem diferente do ano anterior, quando as águas benditas fizeram foi dar na certinha, chegando bem perto no tempo certo, foi só

cortar e afogar. Três quadras e meia e, com a ajuda de Joana e dos filhos, aquela beleza de produção. Boa safra aquela!

Nem tivera pressa de vender.

Alguns quilos apenas, logo no início, para as primeiras despesas, mas o grosso da safra pudera segurar por alguns dias, esperando preço. Ano bom de juta! Mas agora, que fazer no meio de tanta água? E como livrar-se das dívidas que contraíra, bem mais do que antes, tudo comprado ali no porto, a preço de borrador, que nem ele sabia quanto devia? Mais um pouco e até seu Jorge do flutuante lhe estaria negando o fiado. E o pior de tudo era que os bichos de casa já estavam no fim. Até os peixes escasseavam, aquela maldita enchente levando tudo e só deixando desassossego...

Zé Pedro matutava, sem saber como sair daquela situação. Não era homem de inveja, e do

trabalho nunca fugira, acostumado que sempre fora, desde menino, a pegar duro e fazer bonito, fosse em que fosse. Mas naquele momento em que via tanto esforço perdido, chegava a desejar a sorte de outros companheiros, cujos juais, plantados em terras mais altas, ainda continuavam fora d'água, embora também ameaçados. Bastava o rio parar um pouco e tudo se salvaria.

A mulher se aproximou e por alguns instantes os dois se entreolharam. Os filhos já dormiam. Tinham certeza, ambos, que dentro de poucos dias a situação estaria bem mais séria. Que mais podiam esperar?

— Tem jeito não! — disse Zé Pedro, calando-se em seguida para apenas pensar. Se não tivesse saído da Ilha, nada daquilo estaria acontecendo. Mas como poderia ter ficado? Doía-lhe lembrar aquele dia, o mais triste de sua vida, o reforço policial acompanhando o oficial de justiça, e tudo para dizer que aquelas terras tinham dono, um só, e não tantos como por muito tempo todos pensavam que fossem.

Lembrava-se muito bem de tudo, do ano que lá chegara, pouca gente morando, uma barraca aqui, outra ali. Era terra demais, dava pra todos. Iam chegando e ocupando, sem briga nem questão, bastava respeitar o trato feito de boca, nada de papel passado, mas coisa séria, a divisa acertada sem maiores problemas, nem carecia de cerca para separar o de cada um. O murizal crescido cobrindo o varjão bonito a se perder de vista, terra boa de plantar, era só querer. Nem sentira o esforço que fizera para a *limpa*, trabalho dele e da mulher e, logo depois, fazia gosto ver, o milho e a juta um verdume só se espalhando pela baixada, tudo crescendo viçoso com a força daquela terra adubada pela sustança das águas que, ao contrário do que agora acontecia, nunca lhe causaram problemas.

Ah! a Ilha... Bem que pensara em reagir, fincar pé e, custasse o que custasse, defender o seu direito de ali continuar. Mas de que adiantaria a intenção de luta, se eram mais fortes os que viriam, falando em nome da lei, como falaram? Que direitos poderia reivindicar? A quem? Naquele papel que lhes fora exibido, nele sim, preto no branco, todo o direito que antes parecendo de tantos, dele também, de

uma hora para outra se concentrava em apenas um, gente que ali nunca pisara antes, troca difícil de entender.

Por tudo aquilo concordara em mudar-se para aqueles baixios que as águas agora cobriam, única saída válida naqueles momentos de tanta incerteza. Bem melhor do que voltar pro *centro* e, mais uma vez, arriscar a vida nos confins de um seringal qualquer, vivência que já lhe fora tão custosa e mais que tudo sofrida, no desespero daqueles primeiros anos de casado, a mulher tremendo de seções no fundo da rede, o filho, o primeiro, mal acabara de nascer, morrendo logo em seguida. Vida de cão danado! Nem bem começara o *fábrico* e as aperturas da doença, pena de deixar Joana só, quase menina ainda, um filho dentro dela mas já ameaçado. Quantos dias ficara parado sem sair pro corte?

Joana interrompeu as tristes lembranças do marido, insinuando alguma coisa como sair dali, procurar outro rumo antes que fosse tarde. Mas para onde ir? A cidade? Como entregar-se à incerteza daquela vida de muito temer, talvez bem mais do que ali, vida de só ter dúvida, de nada saber do outro dia? Não valeria a pena esperar mais um pouco? As águas baixariam, isso era mais do que certo. Mais alguns dias de inquietação naquele penar que até parecia não ter fim, e a certeza de que poderia voltar a ter esperança, fazer planos outra vez. Plantaria de novo, talvez até mais do que fizera naquele ano. Por que fugir, dar parte de fraco, arribando dali sem rumo certo que nem bicho ferido? Então a vida naquela beira de rio não era sempre uma teimosia de só parar na hora da morte, aqui e acolá dando pra trás, como naqueles dias, mas vez por outra as coisas dando certo? Cheia como aquela não vinha todo ano, e entre uma e outra que Deus mandasse, haveria de recuperar o perdido e aprumar a vida. Joana? Um ano a mais no seu sofrer não faria muita conta. Bastava o verde cobrir de novo aquele bocado de chão lá embaixo para que seus olhos voltassem a se encher de alegria. Não fora sempre assim em toda a sua vida de sempre esperar?

Zé Pedro divagava e, mesmo perdida a juta daquele ano, antecipava com muito querer o tempo de voltar a ter esperança.



João dos Anjos, vivente também do beiradão, resolvera dar rumo à vida. Retornaria ao seringal, donde saíra não fazia muito tempo. Gostava de viver no mato, onde sempre se destacara como seringueiro de boa produção, disputado por quantos patrões lhe conheciam a fama de madeiro e cabra bom de corte. Por

que então ficar naquele vexame de vida, boiando em cima d'água que nem mureru, sem nada o que fazer? A borracha, sim, era produto bom de trabalhar, o preço subindo todo ano, coisa certa como Deus no céu.

Zé Pedro, comentando a decisão de João dos Anjos, lembrava-se dos seus tempos de seringueiro. Cortar seringa! Dias difíceis, mas do trabalho em si até que gostara, o fio branco do leite escorrendo no risco da madeira, aquele cheiro gostoso, mais ainda na hora de defumar.

— Cruz credo, homem! Tá ficando lesão?

A reação de Joana reavivava em Zé Pedro as agruras vividas nas brenhas do "Vai-Quem-Quer", aquele fim de mundo e de vida, os dias sem nenhuma certeza de amanhã, dependentes que eram, todos os que ali viviam, de

um meio onde na verdade somente a incerteza ocupava lugar de destaque. *Tirar saldo*, que constituía o único objetivo de cada seringueiro, dependia, sempre, das circunstâncias que envolviam aquele mundo selvagem, onde ter ou não condições de *sair pro corte* determinava, irremediavelmente, o resultado de cada *fábrico*.

A segunda alternativa, todos sabiam, jamais poderia ser válida para os propósitos do patrão, sempre a contar como certa e definitiva a produção esperada de cada seringueiro colocado.

— Olha lá, seu Zé, o patrão não vai gostar dessa moleza! Que houve, homem?

Eram lembranças de João Firmino, preposto do barracão, na primeira entrega que fizera, muitos quilos abaixo do esperado. Mas como largar a mulher, variando naquele quenturão de febre, sem um vizinho perto que lhe acudisse na hora de precisão? Sabia muito bem que, no julgamento do barracão, nenhum peso teriam as desculpas que viesse a apresentar, por mais verdadeiras que fossem.

No seringal "Vai-Quem-Quer", todos se lembravam muito bem da desgraça que se abatera sobre o coitado de um tal de Malaquias, seringueiro casado e folgazão, tudo por causa da produção que conseguira obter, bem abaixo da esperada. Onde já se vira tamanho despropósito? E logo naquela *colocação*, uma das melhores do seringal? Que fizera de todos aqueles dias?

De nada valeram as desculpas, tantos dias parado sem sair pro corte, a espora se espalhando pela perna envermelhando até em cima, aquela furada no pé que nem emplastro de farinha quente dera jeito na postema, só sarando muito tempo depois quando resolvera arrancar o estrepe a canivete, o pusello espirrando longe...

Ora doença! Aquilo era conversa de todo cabra mole. Quantos dias de corte? Quantos quilos mesmo? Que visse o exemplo dos outros, do Chicão, aquele sim, sozinho no meio da mata, perdido naqueles confins, tinha nada de doença que lhe atrapalhasse o que fazer. Tinha mesmo era vontade de produzir, mostrar trabalho, bicho bom de corte. Mas aquilo não podia ficar sem reparo. Seringal era coisa pra macho. E macho de vergonha. Seringal e mulher...

E porque era tradição no "Vai-Quem-Quer" premiar no fim do *fábrico* o seringueiro de maior produção, foi entregue a Chicão, sem maior constrangimento, a mulher de Malaquias. E tudo ali na frente de todos, o barracão em festa, o "prêmio" anunciado em voz alta, mais castigo que prêmio, que seringueiro daquela laia merecia mesmo era aprender a ser homem.

Ao lembrar aquela história tão comentada nos seus tempos de seringa, Zé Pedro chegava à conclusão de que na balança do patrão, feita para pesar borracha, não havia lugar para desculpas, fossem quais fossem.

— Tem que ser assim! — dissera-lhe João Firmino, acrescentando argumentos na tentativa de justificar o insólito castigo aplicado ao sempre lembrado Malaquias. Que seria do patrão se todo seringueiro entendesse de ficar naquela moleza, a produção lá embaixo, só desculpas apresentando? Lá fora o homem tinha os seus compromissos, o patrão não era ele, e o aviamento tinha tempo certo para retornar em forma de borracha, jamais também de desculpas.

— Verdade, seu Zé — concluía João Firmino — Lá também ninguém perdoa. Deveu, pagou! É a lei, seu Zé, é a lei!..

Mas João Firmino até que lhe compreendia a situação de apertura por que passava naqueles tempos difíceis, chegando mesmo a condoer-se ante o estado em que encontrara Joana, contorcendo-se de dor, sozinha, quase na hora de ter o filho. Fora Deus quem o mandara.

— Se avexe não! — dissera-lhe, na tentativa de tranqüilizá-lo. Joana iria com ele pro barracão. Lá havia parteira e o risco era menor. Mas ele ficaria ali. Precisava melhorar a produção...

Eram lembranças bem amargas, aquelas. Quantos dias longe da mulher, sem notícias? E o filho, que nem chegara a conhecer?

— Nasceu quase morto, o bichinho. Mas tua mulher taí de volta, curada. Pronta pra outro... É só cuidar de fazer...

Alma boa estava ali! E em meio a tantas recordações desagradáveis, apenas a lembrança do velho amigo João Firmino aparecia como algo capaz de despertar saudades daqueles tempos vividos no seringal.



Acostumado a lidar com seringueiros de todas as origens, desde os tempos da *batalhas da borracha*, João Firmino procurava, ele mesmo, corrigir os desacertos verificados no seringal, para o que dispunha de carta branca do patrão. Era assim que ajeltava um caso aqui, outro ali, embora impiedoso algumas vezes,

principalmente quando em perigo a produção do seringal. Por lealdade ao patrão, punha em risco a própria vida, como no caso daquele regatão que certo dia penetrara os domínios do "Vai-Quem-Quer". Armara um grupo e, ele à frente da capangada, *despachara* o intruso, único caso que lhe deixara algum peso na consciência.

Os problemas menores, como aquele que enfrentara Zé Pedro, ou as desavenças e fuxicos que vez por outra apareciam, comprometendo a disciplina do seringal, procurava resolver na hora, em boa paz. Algumas vezes era forçado a usar de ameaças, quando sempre relembrava a tradição do já famoso seringal, invocando a trágica e sempre temida figura do negro Azulão, quase dois metros de altura e de maldade, muitos crimes nas costas. Quem poderia esquecer aquela desconforme mão de demônio a manipular a

melindrosa, pesada palmatória de itaúba preta, cuja fama, ultrapassando os limites dos seringais vizinhos, já chegara até mesmo ao conhecimento do Doutor Juiz lá na cidade, muitos dias de viagem rio abaixo?

Aquele era um caso que João Firmino gostava de contar. Para ele, um disparate, coisa nunca vista, o patrão, homem sério e de respeito, intimado como se fosse criminoso. Que diabos queria com ele o Doutor Juiz? E porque tinha outros negócios a tratar na cidade, só por isso, enfatizava João Firmino, o homem resolvera *baixar*. O Juiz, moço novo ainda, com ares de muita importância, foi logo entrando no assunto, sem dar tempo a qualquer conversa. Queria saber que história era aquela de uma palmatória de dois quilos que, segundo denúncia recebida, costumava usar no seringal, judiando daquela pobre gente indefesa. Seria verdade tamanho absurdo?

— Mas foi aí que o homem da lei se enganou — dizia João Firmino, com sentido orgulho da coragem do patrão. — Então pensava ele que ia o homem amofinar, meter o rabo entre as pernas e arranjar uma desculpa qualquer para sair da encrenca? Nada disso! O patrão era cabra macho, homem de vergonha e de muita firmeza. E comentava com largo sorriso a resposta que, sem qualquer demora, dera o patrão à interpelação do magistrado:

— Dois quilos não, seu Juiz! Quase três. Esse, com todo respeito à pessoa do Doutor Juiz, o peso da *melindrosa*. E digo mais, seu Doutor, ela só serve mesmo pra corrigir cabra safado e mulher fuxiqueira.

João Firmino dava especial destaque à corajosa resposta do patrão, falando do espanto do jovem Juiz que, atônito, procurava disfarçar, sem muito jeito, aquela insólita afronta.

— Então o senhor confirma?

Ora, o patrão não só confirmara, como exigira a presença do descarado e fujão que lhe causara aquele vexame de ser intimado pela Justiça, coisa que nunca lhe acontecera em toda a vida. Queria o desgraçado ali, frente a frente. Sabia quem era, um tal de Quelê ou Quelemente, seringueiro fujão e mentiroso até no nome. Que o Doutor Juiz madasse buscar o sem-vergonha e procurasse ver se ele tinha *conta fechada*. Tinha nada! Deixara o seringal devendo,

o miserável, e ainda se sentia no direito de fazer encrência na justiça com homem de bem? Ora se meia dúzia de bolos aplicados em boa hora em mulher fuxiqueira era crime de que se ocupasse homem de tanta sabença e de muito fazer como o Doutor Juiz. Crime, sim, era fugir do seringal, enganar o patrão e deixar *conta aberta*...

João Firmino então contava o "carinho" feito por Azulão à mulher de Quelemente, danisca de fâmea faladeira, de quem ninguém gostava no seringal. E como dar cobro num diabo daqueles, que vivia espalhando intriga pra todo canto, deixando todo mundo inquieto, só pensando em besteira? Dentre as muitas conversas que inventava, nenhum homem do "Vai-Quem-Quer" podia usar chapéu. Então aquilo não carecia de ser corrigido? E fora. No primeiro "carinho" do Azulão, contava João Firmino entre gostosas gargalhadas, o aguaceiro escorreu pelas pernas da tihosa, encharcando o assoalho do barracão. Do segundo em diante, nem era bom lembrar, fora aquele estrago. E tudo ali na fuça do marido, ameaçado de ser o próximo, caso não segurasse a língua da mulher.

— Pois foi, minha gente, continuava João Firmino, o Doutor Juiz mandou buscar o descara-do que, ao ver o patrão na sua frente, começou a tremer, sem levantar os olhos do chão. Cadê tua nota, homem? Mostra pro Doutor Juiz, mostra! Cabra fujão!.. Tu merece mesmo é xadrez...

E concluindo aquela história, mais uma que se espalhara por todos os domínios do "Vai-Quem-Quer", João Firmino acrescentava cheio de satisfação:

— Aí eu vi a justiça funcionar! O homem da lei foi mais do que justo. Onde já se viu seringueiro sair devendo, e acima de tudo intrigar o patrão com a justiça?

Para Zé Pedro era difícil admitir fossem verdadeiros aqueles casos de que tanto ouvira falar, mesmo quando narrados tão seriamente por João Firmino, para ele homem de bem, como tantas vezes dera prova. Histórias de seringal já ouvira muitas, mas coisas do passado, dos primeiros tempos da borracha, a riqueza de muitos coronéis se acumulando, quase sempre graças à tocaia que mandavam fazer aos seringueiros mais afortunados, os que tiravam saldo,

ou nas disputas de terras, os domínios dos seringais se ampliando em cada investida. Mas por que João Firmino sempre relembra casos como aqueles? E aquela história do Azulão e da *melindrosa*, seria realmente verdadeira?

— Seringal sem disciplina não é seringal, seu Zé. E nestas lonjuras do cão, a quem apelar?

Para o fiscal do barracão, havia razões de sobra para comportamentos como aqueles. A justiça estava a muitos dias de viagem, e a ela só recorriam os que fugiam, incapazes que eram de ajustar-se à realidade daquele mundo onde nenhum covarde poderia sobreviver. A lei, na selva, não podia ser outra que não aquela ditada pelo patrão. Só ele, a partir de seus propósitos e interesses, sabia o que estava certo ou errado. Fora assim no caso do Malaquias. Não fora por outra razão o castigo aplicado à mulher do Quelemente...

Ao recordar a figura de João Firmino e aqueles casos que costumava contar, estranhos quase sempre, Zé Pedro se lembrava também das inúmeras vezes que lhe passara pela cabeça a idéia de deixar o seringal, livrar-se daquele inferno onde, sem pôr nem tirar, ser homem, muitas vezes, era também ser bicho, a vida de um igualzinha à de outro, naquela convivência de dúvida e de medo, cada instante inevitavelmente marcado pela incerteza de um outro dia. Mas como sair dali antes do *fábrico* terminar, a conta ainda aberta, o nome preso no borrador do barracão? Tirar saldo? Quando?

Foram mais de três anos de espera, a vida se escoando a cada segundo, a morte presente na ausência do filho que nem chegara a conhecer: "Nasceu quase morto, o bichinho!" Por que? Não teria sido bem melhor ter ficado onde estava antes? Vida besta, sabia, igualmente sem nenhum futuro. Mas pelo menos gente havia por perto, a cidade a algumas horas de remo, o médico do SESP, talvez até mesmo hospital, se carecesse, e Joana sem passar pelo perigo por que passara, perdendo o filho, quase perdendo a vida. "Se avexe não, seu Zé!.." E João Firmino levando-lhe a mulher pro barracão, só ela. "Tu fica aí, homem! Tua produção tá baixa!..

Sentindo agora os problemas que a enchente lhe causava, Zé Pedro concluía que, mesmo somando as dificuldades enfrentadas quando deixara a Ilha, nada se comparava às angústias vividas no seringal.



Naquelas paragens de muita incerteza, o flutuante do Jorge Turco, também conhecido por Jorge Bagabém, era a única instituição que não passava por maiores alterações no seu sempre aquático dia-a-dia. Construído em cima de toras de açacu, era casa de morar e lugar de bons negócios, hou-

vesse enchente ou vazante. Quando as águas subiam, como naqueles tempos, espalhando pânico e apreensão entre as populações adjacentes, lá ia o Jorge Turco e seu flutuante subindo com elas, demorando-se um pouco aqui, um pouco ali, aportando sempre em lugar estratégico, ponto de encontro ou de convergência de quantos por ali cruzassem, os que subiam ou desciam o rio, ou os que vinham dos paranás, lagos e igarapés. Nos tempos de vazante, ele, como as águas, também descia, e seu ponto de parar era exatamente aquele ditado pelo regime das águas, na verdade o único regime a que obedecia com caprichosos cuidados e ao qual, de um modo ou de outro, todos ali estavam irremediavelmente sujeitos.

O endereço do flutuante, para todos os efeitos, era o *repartimento*, bem na boca do paraná, um pouco mais acima ou abaixo, não importava, tudo dependia da posição das águas. Freguesia certa, na verdade quase cati-

va, só via quebrado o seu monopólio pela indesejável presença, uma vez ou outra, dos pequenos regatões, com quem quase sempre entrava em choque, na tentativa de preservar os domínios há muito conquistados pelo poder que tinha de tudo comprar e de muita coisa vender. Mas daqueles entreveros, nunca havia maiores conseqüências. Bate-boca apenas, alguns palavrões pelo meio e, para ambas as partes, a briga sempre terminando em bons negócios.

Mesmo sabendo da inevitável concorrência que lhe faziam os regatões, Jorge Turco nutria pela classe alguma simpatia. É que devia a vida àquela atividade, na sofrida prática do velho Bagabém, seu pai, que, ainda nos tempos do batelão e da faia, por muitos anos cruzara aqueles beiradões, nas penosas e demoradas viagens rio acima e abaixo. Ele mesmo, ainda criança, fizera-lhe companhia em algumas de suas expedições: "Jorginho precisava aprender fazer negócio, conhecer freguesia, enfrentar vida dura." E se lembrava muito bem daqueles tempos, do jeito do velho comprar e vender, esforçando-se por fazer-se entendido na sua linguagem ainda estropiada, as palavras saindo como se fossem autônomas, construindo frases soltas, geralmente inacabadas. Muita coisa realmente aprendera com o pai que, dentre outros ensinamentos, sempre recomendava nunca brigar com freguês:

— Olha, Jorginho, freguês sempre ter razão!..

Aprendera, assim, a fazer negócio, a cativar a freguesia, alguns bombons aqui, um corte de chita acolá. Tratar bem, ser patrício de todos, chamar de compadre a qualquer um, e até mesmo ser compadre de muitos, padrinho muitas vezes dos próprios filhos, que não seriam poucos os que haveria de espalhar ao longo de suas andanças. O importante na lição do velho regatão, era vender e comprar, *fazer negócio*, levar de volta o batelão carregado de produto até a linha d'água, e assegurar, de pronto, o sucesso da próxima viagem.

— Olha, compadre, Assad aqui amigo de freguês Assad vende barato... Assad *baga bem*.

Daquele jeito de falar do pai ficara-lhe o apelido de Bagabém, que terminara se incorporando ao seu nome, conhecido que passou a ser por Jorge Turco

ou simplesmente Bagabém, filho do velho Assad Bagabém, um dos primeiros regatões que por ali passaram.

Por todas aquelas lembranças, sempre deixava por menos quando um regatão lhe invadia os domínios. Finalmente, além de ser filho de um deles, ele próprio não deixava de ser também um regatão. A única diferença era que, ao contrário dos outros, ali, parado, sem fazer muita força, sempre à espera da embiara que, sabia, jamais haveria de faltar.

Nos primeiros anos de sua vida de comerciante, abastecia-se em Manaus, fiel freguês que por muito tempo fora de um só patrão, seu Rachid, senhor absoluto de toda a produção que conseguisse obter, principalmente juta. Patrão bom estava ali! Era levar o pedido e receber o aviamento, de um tudo, nada faltando, das miudezas às estivas. Até dinheiro, se quisesse, ele adiantava, mais fácil que trabalhar com o Banco. Nada daquelas tantas exigências, era pedir e levar. Mesmo nos tempos de crise seu Rachid marcava presença, para ele nunca havendo tempo ruim para freguês bom.

— Leva mais mercadoria!...
Este ano bom de juta! Aqui com Rachid freguês bom sempre ter crédito!...

E lá voltava Jorge Turco, abastecendo o flutuante dos mais variados gêneros de primeira necessidade, que só disso, na verdade, precisava aquela gente, nada que não fosse o comum do dia-a-dia.

— No flutuante aqui do Jorge não falta nada — dizia com muito orgulho, sempre que algum caboclo lhe perguntava se tinha uma coisa ou outra. Queria, entretanto, a recompensa:

— E aí o compadre, que produto trouxe?

Era a insinuante pergunta para a sempre desejada troca, a mercadoria, pouco a pouco, descendo das prateleiras da loja ou saindo dos depósitos improvisados sob o balcão, e os mais diversos produtos se amontoando no espaço existente entre o balcão e as portas de entrada, às vezes, nos tempos de maior fatura ou de boas safras, até mesmo no quarto de dormir.

O preço era sempre o dele, e no ajuste de contas, quando muito, alguns cruzeiros de troco. Quase sempre, porém, no surrado borrador, o registro de contas a receber. Para Jorge Turco, o freguês, além de sempre ter razão, como lhe ensinara o velho Bagabém, sempre tinha crédito:

— O compadre paga na próxima entrega. Freguês bom pode ficar devendo.

Repetia-se, assim, no beiradão, a mesma relação de dependência que, de forma mais ampla e em grau bem maior, todos os anos se dava na cidade. Alguém sempre perdia...



A conta de Zé Pedro no flutuante só fazia crescer que nem a danada daquela enchente. E por conta do que muito já devia, nunca mais dera nada. Dar o quê? O diabo da cheia chegara como uma maldição, levando tudo, só deixando desassossego. Mas naquele aperreio não era só ele não. Quantos também não estavam pendurados no borrador do Jorge Turco? No seu caso, de qualquer modo, podia contar com a serventia do filho mais velho, coitado, curumim ainda, trabalhando que nem gente grande, a qualquer hora do dia ou da noite, bastava chegar alguém para comprar ou vender. E isso, desde que para ali viera, *empregado* que passou a ser do flutuante, tudo fazendo pela comida apenas, na verdade servindo de garantia para o desconfiado turco que, no início, muito relutou em vender-lhe fiado.

E fora sob o penhor da presença do filho e sob o compromisso de entregar qualquer produção que obtivesse, fosse o que fosse, que Zé Pedro passou a ser freguês do flutuante.

Mas naquele ano até que tivera sorte. Enquanto a juta crescia, a pesca lhe dera bom resulta-

do, logo de saída caindo-lhe na mira do arpão aquele baita pirarucu, assegurando o de comer por muitos dias. De sobra, mais de sessenta quilos entregues. A conta, no flutuante, quase ficando elas por elas. Mas agora, que fazer? As águas grandes como estavam escondiam até os peixes, malditas águas, que ora davam, ora tiravam.

Jorge Turco já começava a preocupar-se com aquela situação, a mercadoria saindo sempre e quase nada de produção chegando em troca. Dinheiro, nem se falava. E o diabo era que a maioria daquela gente só queria saber de plantar juta, só juta, a primeira coisa que ali naqueles baixios as águas cobriam. Bastava a notícia de ameaça de cheia lá pelos altos rios, e todo mundo já com medo de enchente. Por quanto tempo ainda suportaria? Até que não temia calote, a freguesia era boa, só um ou outro arribando. Mesmo assim, muitos voltariam, bastava as águas darem sinal de descida.

— É, seu Zé, sua conta tá grande! E como vai ser isso?

Zé Pedro ainda pensou em barganhar com o trabalho do filho. Lembrar ao miserável do turco que, além da comida, nunca lhe dera qualquer coisa. Mas não teve coragem. Afinal, além do tanto que já lhe fiara, outros favores também devia. Não fora ele o primeiro a prestar-lhe ajuda quando ali chegara, sem ninguém conhecer por aquelas bandas?

Naquele dia, tantas e tão fortes foram as preocupações de Zé Pedro que, à noite, mal lhe chegara o sono, começou a sonhar com coisas inteiramente impossíveis de acontecer naquele desespero de vida que levava. Aquilo só podia ser coisa do capeta. Vira-se, como há muito tempo não sucedia, ele e muitos, na fila do Banco, esperando a vez de receber o financiamento da juta. Nem fora preciso assinar qualquer papel, nada.

— Tudo isso, seu José? — E o dinheiro caindo das mãos do caixa como folha de pau seco, amontando-se no balcão, tudo muito rápido, e ele, sem muito jeito, contando de uma a uma as cédulas novinhas de estalar, ainda cheirando a tinta. Nunca vira tanto dinheiro.

— Cuidado, seu José!..

De repente, ora só, ora acompanhado de Joana, lá estava ele fazendo compras, entrando numa casa e noutra daquelas ruas perto do mercado, todo mundo lhe querendo vender alguma coisa. Até mesmo seu Rachid, patrão de muita fama e de quem tanto já ouvira falar, disputando-lhe a preferência. Podia levar a mercadoria que quisesse, o melhor preço da praça, pagaria depois, no fim da safra, freguês bom podia ficar devendo... Mas por que toda aquela gente tinha a mesma cara do maldito Bagabém? Já não pagara o que devia? Agora estava livre, voltara a *trabalhar* com o Banco, compraria de quem quisesse comprar, e a juta venderia para quem oferecesse melhor preço.

Acordou exatamente na hora em que vários ladrões lhe faziam o cerco, na tentativa de surrupiar-lhe a carteira recheada, negligentemente deixada à mostra no bolso de trás. E naquela terrível confusão em que se vira metido, nada mais o atormentara que, de repente, a presença da polícia e a ameaça de prisão que lhe faziam, a ele, homem sério, agricultor, podiam investigar, que perguntassem até mesmo de seu Rachid...

Os protestos de Zé Pedro, entremeados de gritos e gemidos, acordaram Joana que, assustada, lhe sacudiu com força o punho da rede, livrando-o do pesadelo em que caíra. E ainda sob a forte impressão daquela inusitada experiência, seu primeiro gesto ao despertar foi levar a mão ao bolso, voltando logo à realidade, a conta do flutuante lá em cima, as águas continuando a subir, a juta perdida, tudo bem diferente do que sonhara.

Sentou-se na rede, preparou um cigarro, e ficou tentando relembrar os episódios daquele estranho sonho. Quanto absurdo! Ele, quase roubado, acusado de ladrão, quase preso. Por quê? E aquele negócio de voltar a *trabalhar* com o Banco? Lembrava-se da primeira vez que tentara levantar empréstimo:

— Vai lá, seu Zé! Os homens tão dando dinheiro! Custa um pouco mas sai...

Nem podia acreditar. No início não fora nada fácil, muitas viagens tivera de fazer, venha amanhã, volte depois. E tudo isso além das tantas perguntas que lhe fizeram, mais parecia coisa de padre querendo descobrir pecado. Mas nada havia contra ele, podia o pessoal do Banco

perguntar de quem quisesse. Ou que mandasse o fiscal ver o pedaço de roça que já plantara, trabalho dele e da mulher. Pra que queria dinheiro? Ora, só podia ser pra juta! Não era o que dava mais? E juta era coisa certa. Bastava esperar as águas descerem e logo começar o plantio. Uma limpa besta logo depois para evitar que o pacuã crescesse, fazer a desfilhação e pronto, era só esperar o tempo do corte. Ai, sim, começava a dureza, o dia inteiro no rabo do terçado, ele e Joana, os filhos também, cortando e fazendo os feixes para afogar até amolecer, aquela vida molhada a maior parte do dia, o pior de tudo no tempo de lavar. Quantas horas de molho naquele bate-bate?

Bom mesmo só depois, a juta colhida secando no varal. E o sossego de ver o produto ali pertinho dos olhos, pronto para ser vendido.

— Vamos lá, seu Zé! O preço tá bom!.. Quantos quilos?

Eram lembranças dos bons tempos já vividos, trazidas de repente por aquele sonho, quase pesadelo, os regatões parando-lhe no porto, “vamos lá, seu Zé!..”

Tinha saudades daqueles tempos. Quanta juta plantara com sucesso, as coisas todas saindo-lhe como queria, aquele estirão de verde a se perder de vista, todo ano aquilo. Bem mais do que as três quadras do contrato, podia o fiscal medir, se quisesse.

Mas aquilo tudo passara. E pensando nos problemas que enfrentava, Zé Pedro concluía que de muita ilusão lhe tinha sido a vida, mesmo quando lhe pareciam venturosos os dias que agora lembrava com saudade.

Na verdade, que ficara daqueles anos todos de juta e de esperança?



Sem nada com que se ocupar, Zé Pedro olhava aquele mundão d'água que lhe roubara o trabalho de tantos dias, quase chegando à impaciência. Sabia que uma decisão haveria de tomar, talvez sair dali, procurar rumo. Mas para onde ir? A lembrança de Manaus surgia sempre como um convite insistente, algo quase irresistível.

Mas de que viver? Temia se repetisse o drama por que passara quando deixara o seringal, aquele desespero da mulher chorando a todo instante, para onde vamos, Zé?

Tomou da agulha e resolveu remendar a tarrafa, uma das poucas coisas em que ainda via alguma utilidade naquele nada fazer em que vivia. Os peixes andavam vasqueiros, espalhados por aquelas águas grandes que escondiam tudo. Mesmo assim, o comer de cada dia ainda era possível conseguir, peixe nágua e no sal, não importava, mas comer certo.

E enquanto suas mãos, naquele gesto mecânico, pouco a pouco fechavam os buracos da tarrafa, o pensamento trabalhava imagens nada agradáveis. Ele, como um peixe, preso nas malhas de um destino que jamais pensou viesse a enfrentar, cercado por todos os lados, de pro-

blemas e de água, homem e ilha ao mesmo tempo, trazendo-lhe aquela comparação sofridas recordações das terras onde vivera. E em meio a tantas lembranças, a presença viva de Tônico, seu vizinho e compadre, como peixe na tarrafa, debatendo-se na tentativa de livrar-se das tantas mãos que o seguravam com toda a força da ordem de prisão a que terminara se submetendo.

No triste caso da ilha, de todos os moradores, Tônico fora o único que, até o fim, não mudara de opinião. Há muitos anos que suas mãos trabalhavam aquelas terras, ali lhe haviam nascido os filhos, e não via por que renunciar aos direitos que lhe pareciam definitivos. Como todos os companheiros, pensara também nos filhos e na mulher, nos problemas que poderia lhes causar se não recuasse do propósito de continuar lutando pelo que admitia como definitivamente seu. Mas para ele a idéia de família só se completava com a possibilidade de viver como sempre vivera, livre e ali, na certeza daquelas terras onde, de uma hora para outra, os intrusos chegavam como uma ameaça de morte. Sabia muito bem que as dificuldades por que haveriam de passar sem ele, não seriam tão diferentes das que enfrentariam em sua presença, se lhe subtraíssem o direito de viver sobre aquele chão de onde tirava o sustento e, ao qual, um dia, haveria de dar-se para sempre. E por assim pensar, que fizessem o que bem entendessem! Quantas vezes, ao reagir às freqüentes promessas de recompensa, não recebera veladas advertências?

A verdade era que, de todos os que moravam na Ilha, Tônico fora o que mais problema causara aos novos donos das terras. Mas assim procedera por um dever de consciência, levado por um impulso que lhe vinha não sabia de onde, algo dele, só dele. Cruzar os braços? Por quê? Mais do que os outros ele sabia que importante naquela situação de incerteza em que todos viviam era agir, discutir os problemas, procurar, se fosse o caso, os que poderiam ajudá-los. Alguém haveriam de encontrar que lhes ouvisse os reclamos e lhes fizesse justiça, que só disso mesmo precisavam. Que prova maior poderiam exigir-lhes além do trabalho de tantos anos, a terra ocupada, cada um no seu pedaço de chão? Por que então aquela investida de estranhos, gente que ninguém sabia de onde vinha e por quê vinha? Falavam em agricultura

de muitas quadras e em criação de muitas reses. Que dali por diante haveria máquinas e técnica, nada mais daquela "agricultura de quintal", quase nada aparecendo além da juta. Aquelas terras, as melhores que havia, passariam a produzir também arroz e milho como nunca alguém vira antes, duas safras por ano, muitas toneladas por hectare. E que aquilo tudo era projeto de uma tal de COMPANHIA que estava chegando, o seu pessoal, sem nenhum respeito pelas coisas do alheio, pouco a pouco ocupando os espaços, fincando marcos de um extremo a outro. Doutor de bota até as canelas, medindo o varjão de ponta a ponta, pros lados e pra cima e, lá no alto, onde as pastagens se formariam, o mesmo trabalho de medição. Dentro em breve a floresta cederia lugar ao capim. O boi, às centenas de cabeças, ocuparia o espaço, expulsando o homem.

Mas seria de justiça aquela troca, tantos deixando tudo, mesmo que pouco fosse o que tinham e o que faziam? Por que não procuravam outras terras e não deixavam em paz os que não precisavam de muito para ser feliz?

Por tudo aquilo, a revolta de Tonico, àquela altura já "um caso de polícia". Então seria de admitir o entrave daquele caboclo teimoso e irresponsável, agindo à solta, envolvendo um e outro, de caso pensado provocando resistência? A COMPANHIA não queria o prejuízo de ninguém. Indenizaria uma a uma as benfeitorias, e os que quisessem ficar seriam aproveitados nos trabalhos que em breve se implantariam. Até mesmo outras terras, longe dali, haveria para aqueles que teimassem em permanecer naquela vida de nada ter, gente sem ambição, indiferente ao progresso e às vantagens que um *projeto* como aquele traria para todos.

Por que, então, relutavam? Não via aquela gente os prejuízos já causados, os trabalhos atrasados de alguns meses? Mais algum tempo e chegariam as chuvas, forçando a que tudo se transferisse para o outro ano. Urgia, assim, uma decisão que viesse a pôr termo aos obstáculos impostos a partir daquele obstinado comportamento, talvez, era bem possível, inspirado de longe. E idéias espúrias como aquelas, estranha e perigosamente disseminadas, não podiam deitar raízes...

Com sentida revolta Zé Pedro lembrava os terríveis momentos daquele dia da prisão de Tónico. No meio de tantos, o amigo sozinho, debatendo-se como peixe na tarrafa, as algemas imobilizando-lhe as mãos e, como suplício maior, a indiferença de todos ferindo-lhe a alma.

— Olha os nossos filhos, Zé, não te mete! Deixa eles, deixa!..

E ao lado daquele sofrido e temeroso apelo de Joana, doía-lhe lembrar a voz da mulher de Tónico, rouca de gritar, ecoando dentro dele como um protesto sem fim.

Quando deu por si, esmagava entre as mãos a caixa de fósforos vazia. A tarrafa há muito ficara pronta.



Ao lado de casa os meninos ainda podiam brincar numa nesga de terra que se alargava um pouco mais para os fundos, permitindo-lhes de certo modo alguma mobilidade. Passavam ali horas seguidas, jogando bola ou pulando água, enquanto Joana, cujo estranho modo de ser já fora notado com receio pelo marido, enchia o tempo a arrumar uma coisa e outra, fazendo e desfazendo trouxas, ajoelhando-se de vez em quando ante a imagem de São Sebastião, a implorar o milagre que, embora esperasse com tanta devoção, jamais ocorreria.

Zé Pedro pensou no espinhel armado na noite anterior e, desatracando a montaria, começou a remar, acompanhado por Zequinha, um dos filhos mais velhos. Quem sabe não encontraria um tambaqui?

— Eu digo que tem!.. — dizia Zequinha, pilotando displicentemente a pequenina canoa.

— Deus queira! — respondeu-lhe o pai, quase resmungando, sem muita esperança.

Dos filhos de Zé Pedro, aquele era o que mais parecia indiferente a tudo. Alheio ao drama que já chegara ao conhecimento dos demais, pouco se lhe dava

que as águas continuassem a subir e que a juta se perdesse. Achava até bonito e bom a restinga quase toda debaixo d'água, o rio lá em cima bem pertinho de casa, era só pular e alcançá-lo. Que poderia ser melhor do que cair nágua e passar o tempo todo nadando e mergulhando, misturar-se com os peixes e ser assim como um deles? "Queria ser peixe", respondera certa vez quando lhe perguntaram o que preferia ser se não fosse gente. Nadaria para bem longe dali, iria lá no fundo, bem no fundo, o tempo todo de molho...

— Tu resfria, curumim! Sai

logo d'água!..

Peixe não resfriava. E sua mãe, em vez de preocupar-se como sempre fazia, estaria lá com ele, nadando a seu lado. Só teria medo dos tempos de *friagem*, pelo risco que correria de ficar de *uaiú*, parado em cima d'água sem poder nadar, os beiços grossos de frio, presa fácil de qualquer um. Aos homens não temeria, pois saberia muito bem livrar-se de suas artimanhas. E se ele fosse um peixe, contaria para os outros tudo o que os homens sabiam daquele negócio de pescaria. Desde o perigo das zagaia e dos arpões, ao risco dos enganosos matapis. Falaria dos paris e das malhadeiras, dos espinhéis e dos cacuris. Só aos tucunares não revelaria o segredo das pinauacas...

— Rema direito!

Zequinha voltou a usar o remo que por instante deixara parado dentro d'água, sem controle, desviando o rumo da canoa. E ainda se lembrando da vida que teria se fosse peixe, perguntou:

— Pai, por que a gente só é gente?

Zé Pedro achou graça da pergunta do filho, mas não lhe deu maior atenção. Estava lesando, o coirão! Onde já se vira maior disparate? Queria ser o quê, bicho?

— Não, pai, peixe! — e voltou a sonhar. Se fosse peixe, queria ser daqueles bem ligeiros. Não era ele, dentre os irmãos, o que nadava mais depressa e o que mais tempo demorava no fundo d'água? Só não queria ser um peixe grande, era arriscado. E também não gostaria de ser daqueles que viviam o tempo todo na beira do rio, que nem aquela gente dali, parada, sem sair pra lugar algum.

— Pai, se eu fosse peixe, nadava, nadava e ia embora...

Zé Pedro pigarreou e ficou pensando nas divagações do filho. Ir embora... Achou interessante aquela coincidência. Ele também estava pensando a mesma coisa, sair dali. Mas como?

Pensou nos outros filhos, no mais velho, que vivia o tempo todo a sonhar com viagens. Na certa era o diabo daquele trabalho no flutuante do Bagabém, vez por outra um regatão a lhe meter na cabeça aquela idéia de viajar, conhecer outra vida. Quando moravam na Ilha, tivera a oportunidade de levá-lo a Manaus. E sabia que nunca mais lhe saíra da lembrança aquilo tudo que vira, aquelas casas altas, de tijolo e de pedra, pintadas de muitas cores, tudo lindo, tão diferente do mundo em que vivia. Lembrava-se de seu espanto ante o trançar dos carros pelas ruas e tanta gente junta na praia do mercado, que nem na festa de São Sebastião, lá na Ilha, vira juntar tanto povo. Mas nada lhe causara maior admiração do que aquela igreja enorme lá em cima e, lá embaixo, no meio da praça, aquele Nosso Senhor todo de pedra, pintado de branco dos pés à cabeça, os braços abertos como se o chamasse para um abraço.

Zé Pedro, na verdade, misturava com as lembranças do filho as suas reminiscências, ele, também menino, sonhando com a cidade, as esperanças de seu pai, como as dele, não passando de um prolongado anseio.

— Pai, tá batendo alguma coisa!

— Será?

— Eu digo que é!..

Zé Pedro quase não se apercebia de que já estavam bem perto do lugar onde armara o espinhel. E ao contrário do filho, que até ouvira *bater*, logo admitiu que ali nada havia de peixe. Foi puxar a linha e confirmar.

— Tem nada não, filho!

Zequinha ficou calado. Os peixes tinham ido embora, exatamente como ele pensou que faria, se fosse um deles...



Muitos dias se passaram desde aqueles em que a enchente era apenas um prenúncio de ameaça. As águas já haviam tomado tudo e, atingindo o último degrau da escada que dava acesso ao barraco, começavam a lamber o rústico assoalho, infiltrando-se num lugar e noutro, tornando cada vez mais difícil aquela vida de

nada fazer. Se tivesse dinheiro compraria algumas tábuas, pelo menos para evitar ficasse o pessoal de casa o dia todo com os pés de molho, que nem socó na beira d'água. Ora dinheiro! E tábuas, de quantas precisaria? Corriam boatos de que era intenção do Governo distribuir ajuda entre os ribeirinhos mais atingidos pela cheia. Que aguardassem! Mas quando?

Tal situação, aliada a tantas outras circunstâncias não menos dolorosas, principalmente o estado de saúde da mulher, exigia de Zé Pedro a decisão de abandonar o injustificado propósito de ali permanecer, naquela passível e inútil expectativa. Que mais esperar?

— Se afobe não, seu Zé. Vamos esperar mais um pouco! — dissera-lhe João Doca, seu vizinho mais próximo, enquanto dava capim para meia dúzia de

vacas presas na maromba improvisada sobre duas toras de açacu.

— Mas até quando, seu João?

— Calma, homem. A gente agüenta. Esta não é a primeira cheia que eu enfrento. E nem a pior... — falando logo em seguida sobre o inferno por que passara em 53, um fim de mundo para muitos, gado e plantações afogados, tudo morrendo e se perdendo. Os moradores dali, os que ficaram, poucos, trepados nos jiraus que mais de uma vez tiveram de levantar, alguns quase alcançando a cobertura das casas, mal dava para atar as redes. E cortar capim pra dar de comer ao gado, mais distante cada dia que passava, três horas de remo até encontrar canarana cada vez mais escassa, dia sim dia não aquela trabalhadeira dos diabos ... E não estava ele ali para contar a história? O negócio era não se afobar, ter um pouquinho mais de paciência, aguardar mais um pouco. Pra que se avexar e fazer a besteira de ir pra cidade, enfrentar aquele mundo duvidoso e cheio de malícia, onde a vida, com todas as suas necessidades, tinha de ser comprada dia-a-dia, pra tudo carecendo ter dinheiro no bolso? Como das outras vezes, aquele aperreio passaria, era coisa de mais um mês, talvez menos, tudo voltaria ao normal. O chão, escondido lá embaixo, devolveria tudo outra vez, era só secar e plantar. Trabalho dos infernos haveria, era verdade, limpar o balseiro que as águas deixariam, remover aquele entulho todo, consertar cerca e curral, ajeitar uma coisa e outra. Mas não valeria a pena saber que a terra ficaria no ponto de plantar, cheia de viço e sustança, igualzinho, que mal comparasse, a mulher nova no tempo de casar?

Aquele era o pensar de João Doca, na sua visão otimista de vida, ele que já sofrera muito, mas que tinha certeza da terra, não só no que ela lhe daria de volta, mas por não ter medo de perdê-la, pois que de papel passado ele a tinha.

Para Zé Pedro, entretanto, a situação era bem outra. Estava ali por acaso, nos acertos que fizera com o novo dono das terras que por tanto tempo pensou lhe pertencessem de verdade. Nem casa que prestasse conseguira fazer, apenas aquela barraca inacabada. De seu, mesmo, os filhos e aquele penar de saber-se homem-ilha, cercado de problemas que agora pareciam crescer bem mais do

que as águas. A mulher, que sempre lhe fora o ponto de apoio, tornando-se peça inútil dentro de casa, indiferente a tudo, num total e estranho alheamento.

Por tudo aquilo, de um momento para outro, a decisão de partir, descer o rio de bubuia, sem rumo certo, até encontrar um filho de Deus que lhe socorresse as angústias, ajudando-o de alguma forma, não sabia como. Por ele, mesmo sem ter as condições de João Doca, até que esperaria mais um pouco. Mas Joana? Como deixá-la assim, o juízo fora do lugar, naquela leseira de fazer dó, estranha e triste como nunca fora, vendo coisas que ninguém via, só ela?

Olhou pela última vez o seu projeto de jutil embaixo d'água e deu as primeiras remadas. O filho mais novo choramingou e Joana, num gesto instintivo, acalentou-o, procurando acomodar-se sob a estreita tolda onde Zequinha já há muito se aninhara.

— Pai, quero comê! ...

— Quieta, curumim! Vê se dorme!...

Para onde ir? Não via outra solução naquele instante que deixar as águas levassem a canoa rio abaixo, sem destino certo, até que por milagre lhe surgisse a oportunidade de uma ajuda. Nada lhe parecia mais urgente que cuidar da mulher, cujos olhos, fixos na água, ali e tão distantes, despertaram em Zé Pedro estranho pressentimento. E se estivesse passando pela sua cabeça aquela história de mundo encantado, que ela tantas vezes jurara existir nas profundezas do rio, coisa também de que muita gente falava, a vida bem diferente daquela que levavam lá em cima? Ela mesma, Joana, não lhe contara certa vez que conversara com gente que lhe aparecera misteriosamente na beira do rio, falando-lhe de um mundo tão diferente do seu, onde tudo era muito lindo e a vida uma eternidade de bonança?

— Juro, Zé. Ele sumiu bem ali!.. — dissera-lhe certa vez a mulher, como que enfeitada, apontando para o lugar onde o misterioso ser havia mergulhado, depois de acenar-lhe um adeus que mais parecia um convite.

Zé Pedro não gostou daquelas lembranças, trazidas assim tão de repente pelo olhar distante

da mulher. E um calafrio lhe correu pela espinha, só em pensar no que poderia acontecer a Joana, o seu corpo desaparecendo naquelas funduras, os filhos gritando e ele ali, agonizando, inútil, sem nada poder fazer. Lembrou-se então da *cuia dos afogados*, que tantas vezes vira, coisa que não sabia explicar, mas que vira, a cuia andando sem rumo, rodopiando no rebojo, vencendo até remanso forte para afinal parar bem em cima do lugar certo, era só mergulhar e tirar o corpo do afogado. Coisa como aquela só podia ser milagre, arranjo do céu, as mãos de Deus, só podia ser, guiando a cuia até parar certinho no lugar procurado

Naquele instante a canoa de Zé Pedro, sem rumo definido, parecia-lhe enorme cuia de afogados. Então não eram eles todos afogados, não embaixo, mas em cima d'água, ele, os filhos e Joana, ela mais que todos? Mesmo assim, não perdia a esperança, e sua canoa, cuia de afogados, haveria de encontrar lugar certo.

— Mãe, quero comê!...

Joana, ao contrário do comportamento até então observado, mostrava-se agora feliz e sorridente. Apanhou a cuia de farinha e passou a preparar um pouco de chibê, ao tempo em que cantarolava baixinho, despertando em Zé Pedro velhas recordações. Quanto tempo fazia?

— Tá mexendo, Zé. Pega aqui, pega!..

Eram lembranças do primeiro filho. Por um instante o caboclo ficou parado, os olhos fitos num pequeno monte de capim que descia o rio, vindo não sabia de onde, desgarrado, como ele, de uma touceira maior, igualzinho a ele, a tantos, agora dispersos, sem outro rumo que não o da correnteza. E lhe assaltava outra vez a lembrança das terras da ilha, aqueles dias todos de tanta alegria e, de repente, como aquele capim que descia o rio, solto, desgarrado, ele também arrancado de sua base, diminuído, quase nada, grande apenas no penar.

Parou um pouco para descansar e, aproximando-se de Joana, puxou conversa, ansioso por uma palavra que lhe desse esperança de melhora.

— A gente tá indo, mulher. Tudo vai dar certo!..

— Eu vi, Zé. Eu vi de novo.
Ele me chamou...Deixa eu ir, deixa!.. Lá é bonito. Melhor do que aqui...

Zé Pedro estremeceu outra vez. Não tinha mais dúvida do risco que corria a mulher, variando daquele jeito, tentada pela ilusão de um mundo que só ela via. Ali, sabia, só muita reza. Já vira casos parecidos, o curador rezando e fazendo defumação, mandando pra longe os *encantados*, que aquilo, tinha certeza, era coisa de *bicho do fundo* aproveitando-se da fraqueza de Joana. E foi nesse instante que se lembrou de Dona Antônia, velha moradora do outro lado do rio perto da Ilha, preta velha e boa, rezadeira de todos conhecida pela disposição que sempre tinha de ajudar fosse quem fosse. Mas voltar para aquelas bandas e de novo olhar aquele chão de tantas lembranças marcado? E como enfrentar aquele estirão d'gua, remando, só ele e os filhos?

— A gente pega reboque, pai!...

Sabia que de outro modo não poderia ser. E assim, vencendo etapas no remo, e vez por outra aproveitando a oportunidade de um reboque, conseguiu finalmente chegar ao seu destino.

O dia começava a clarear. Não muito distante, emolduradas pelo verde-escuro das matas, as terras da Ilha eram um aceno de dóida saudade.



Dona Antônia já estava acostumada a situações como aquela, canoas lhe chegando ao porto, gente doente de todos os males, "me ajude pelo amor de Deus"

— Traga ela, meu filho!

Finalmente ressurgia em Zé Pedro a esperança de salvar Joana, os filhos também, eles que há tanto tempo viviam sem cui-

dado algum, entregues à própria sorte, sem mãe que atinasse. Mas de que modo retribuir os trabalhos de Dona Antônia, aquela bondade demonstrada desde o primeiro instante?

— Se preocupe não, meu filho...A gente por aqui tem que se ajudar!..

E enquanto a situação não ficava melhor definida, Zé Pedro procurava ser útil de alguma forma, fazendo uma coisa e outra, de sorte que sua benfeitora se sentisse de algum modo recompensada.

Os dias foram passando e ele, aos poucos, acostumava-se à idéia de ali permanecer por mais algum tempo. Dona Antônia compreendia muito bem a difícil situação de seu hóspede e, ela mesma, por mais de uma vez já insinuara a conveniência de uma estada mais longa, pelo menos até curar Joana, que, distante do palco de tanta tragé-

dia vivida, pouco a pouco experimentava alguma melhora. Aquela não era a primeira vez que sua casa abrigava gente assim, doente e aflita, carente de esperança. Que lhe custava? E virando-se para Joana, dirigiu-lhe algumas palavras de conforto, penteando-lhe carinhosamente os cabelos.

Olhos encovados atrás de acentuadas olheiras, Joana ensaiou um sorriso de agradecimento, desatando, em seguida, estranha gargalhada. De repente, aos gritos, lembrava ao marido o tempo do corte. Por que ficava ali, parado? As águas já não havia, descido?

— Cuida, homem! Tá no ponto de cortar...

Aos poucos foi perdendo as forças e seus olhos, de início brilhantes de tanto ver o que ninguém via, só ela, foram-se fechando, como se nada mais refletissem, só tristeza. E num quase monólogo, parecia reviver velhas lembranças, na verdade anseios, as coisas todas, ora como lhe tinham sido, ora como desejava fossem. O jutal, de ponta a ponta, pronto para o corte, os filhos brincando, e Zé Pedro, alegre, negociando a juta estendida no varal, muitos quilos.

E como se toda a vivência se passasse num tempo único, misturava aquilo tudo com as lembranças da *Festa do Divino*, a imagem do santo repousando na vermelha almofada debruada em ouro, as noites da novena, e a ladainha tirada por Dona Angélica, o "ora pro nobis" repetido por todos a uma só voz.

— Ora, Zé, chega. Pára, homem! Não quero mais...Chega, Zé! Tem gente vendo a gente... Você casa comigo? Jura?

Aquelas confusas reminiscências de Joana despertaram em Zé Pedro sentidas saudades. Naquela festa, lembrava-se bem, o primeiro encontro mais íntimo, só os dois na encosta do barranco, o rio lá embaixo, e o cuidado de não serem vistos. De longe, chegando-lhe aos ouvidos, os hinos da novena, o repetido "ora pro nobis" da ladainha e, após rápido silêncio, o foguetório ecoando, seguido dos primeiros acordes do desafinado saxofone de seu Anastácio, sinal de que a festa ia começar.

Zé Pedro lembrava-se do sem jeito em que ficaram os dois depois de tudo. Joana, calada,

cabisbaixa, esgueirando-se pelo barranco, tentando alcançar a casa pelos fundos, enquanto ele, abaixando-se aqui e ali, chegando ao terreiro logo em seguida, alcançando o salão exatamente no momento em que as cuidadosas mãos de Dona Angélica, num gesto de contrito respeito, "cobriam o santo" para que a festa fosse iniciada. Que sentimento de culpa, de pecado, experimentou naquele momento. E numa tentativa de contrição, cantarolou baixinho, como em prece, os versos do hino que nas outras noites de novena cantara em coro com todos os devotos:

*Divino Espírito Santo
Divino consolador,
Consolai a nossa alma
Quando deste mundo for...*

Lá fora, no terreiro, o enorme mastro enfeitado de flores e de frutos, encimado pela rubra bandeira do Divino, símbolo vivo da presença em tudo. Por que fizera aquilo? E se fossem castigados?

A voz fanhosa de Dodó Mucura, repetindo mais uma vez aqueles versos já de todos conhecidos, arrancara-o daqueles pensamentos nada agradáveis:

*Menina quando eu morrer
Me enterra neste salão...*

E a resposta de Mundoca, dizendo em alta voz os versos maliciosamente decorados, relembrando a todos os presentes a mais conhecida qualidade de seu galante verzejador:

*Sai daqui, seu fede-fede,
Seu catinga de mucura...
Se tu fede enquanto vivo
Que dirá na sepultura?*

Risos e palmas. No terreiro, fogos estourando. De repente, um grito de pavor furando a noite: "Corram! Mataram alguém! Meu Deus!.. Quem foi?"

No chão, estirado, o corpo de um brincante. Mas não foi Zé Pedro, não! Ele estava com ela, só os dois, longe dali.

— Não foi ele, juro! Foi Tonico! Prendam ele, prendam! A Ilha... Foi Tonico o culpado! Só ele...

A muito custo Zé Pedro, auxiliado por Dona Antônia, conseguiu deitar Joana na rede.

— Calma, mulher!.. Já passou tudo...

— Passou não, Zé. Foi ele sim. Foi ele o culpado... E a juta? Cuida! Tá no ponto de cortar!..

Exausta de tanto gritar, aos poucos Joana foi perdendo as forças. Mas por muito tempo, falando baixinho, continuou no seu desvario, enquanto Zé Pedro, acocorado a um canto, continuava lembrando aquela noite de festa e de amor.



Além das muitas ervas e fruteiras que lhe cercavam a humilde casa, Dona Antônio cultivava também pequenino roçado, mas bem longe do perigo das águas, bom pedaço lá pra cima, podia a cheia crescer. Assim, embora vivesse naquele mundo agora mais uma vez ameaçado por tantas incertezas, era das poucas pessoas

cuja vida não sofria maiores alterações pelos estragos que a enchente causava. Mesmo assim, seu envolvimento nas angústias daquela gente era inevitável, em razão dos freqüentes pedidos de ajuda que lhe chegavam de toda parte, dali e de longe, houvesse enchente ou não.

Morando ali há muitos anos, tinha um afilhado em cada vizinho, e bem poucos eram os que, de um modo ou de outro, não chegaram a recorrer, pelo menos uma vez, aos seus conhecidos préstimos. Nada de mais sério se decidia sem que antes fosse ouvida. A vida de muitos, de quase todos, estivera por algum tempo em suas mãos, ou no início, mãos de parteira que era, ou sob qualquer perigo de vida, no gesto simples das rezas e benzeduras que tão bem sabia fazer. Na verdade, nenhuma rezadeira das tantas que por ali viviam chegou a alcançar os méritos de Dona Antônio.

Dos moradores daquelas proximidades, só ela podia falar com segurança de fatos antigos, inclusive das grandes cheias havidas muito antes daquela, nos tempos em que ainda não se falava de juta, quando ninguém chegava a sofrer tanto.

— O povo daqui era todo muito feliz! — dizia sempre que falava do passado, acrescentado considerações sobre a vida simples, mas tranqüila, de tanta gente que conhecera. E jogava à conta do muito querer, na renovada ilusão que se iniciava sempre em cada safra, aquele sofrimento por ela testemunhado ao longo dos anos já vividos, e tantos já eram, que nem ela mesma sabia a quantos iam.

— Esse negócio de plantar juta estragou tudo! — costumava dizer. E além da intranquilidade em que muitos viviam, principalmente em safras como aquela, grande parte perdida, falava dos males que o trabalho deixava em cada um, de menino a gente grande, homem e mulher, o dia inteiro de molho, ninguém vivendo muito tempo sem se queixar de alguma coisa. Muito homem ainda na casa dos trinta, reclamando de fraqueza nas pernas, reumatismo e sabia lá o que mais, doenças que nem sempre suas garrafadas conseguiam curar depois de alguns anos de sofrer. E as mulheres, a quantas não atendera com aquela dor que, começando no baixo ventre, pouco a pouco se espalhava pelo corpo todo, mal que nem sempre era *mãe-do-corpo*, que disso ela sabia tratar muito bem...

— É verdade, seu moço. Essa gente daqui vive pouco! — arrematava Dona Antônia. Que se visse pela cara de cada um, homem e mulher beirando os quarenta, às vezes menos, a pele engelhada, todo mundo encarquilhado que nem ela, o sangue fraco de tanto sustentar *same-xuga*. E como podia viver mais, se todo o tempo desafiava a morte, todo mundo ali, sem sentir, apodrecendo aos poucos, como os molhos de juta que afogavam?

— É isso mesmo, seu moço. Aqui a gente apodrece bem mais cedo...

No seu tempo era diferente. A vida durava mais, as doenças não eram tantas. E quando alguém adoecia, que não fosse de paludismo ou de ferrada de bicho, podia preparar o caixão que já estava perto do fim, não havia doutor que desse jeito.

Dona Antônia gostava de falar do passado, relembrando com certo orgulho de testemunha da história os tempos da escravidão, ao qual haviam pertencido os seus pais, e ela também, pois aquele negócio de “ventre livre”, costumava dizer entre gostosas gargalhadas, só muito tempo depois, o vendido nas farmácias.

Preta nova ainda, resolvera casar-se e acompanhar o marido em suas andanças pelos seringais, sofrida experiência, até chegarem ali naquele pedaço de terra que ocuparam sem qualquer problema e de onde jamais quisera sair, mesmo depois que enviuvara.

Quando era tempo de cuidar da roça, sempre tinha a colaboração dos vizinhos que, de pronto, acorriam prestimosos, na prática amiga do puxirum. E tudo se devia à sua sempre presente disposição de servir, principalmente quando lhe buscavam os socorros de parteira, habilidade que adquirira nem sabia como, ela que, embora casada por tanto tempo, chegara à viuvez sem filho. Aliás, das tantas coisas que sabia fazer, o de que mais gostava era de pegar menino, fosse de quem fosse.

— Esses curumins daqui chegaram ao mundo por estas mãos da velha!.. — repetia sempre com sentido orgulho, principalmente quando se referia a Padre Minervino, filho mais velho do coronel Pereira, homem de muita posse e de alguma sabença, que até chegara a ser nomeado Juiz de Paz. Que se lembrasse, o filho do coronel, seu afilhado, fora o único que escapara daquela vida, saindo dali para estudar na capital e, pelas graças de Deus, tornando-se padre.

Que maior alegria poderia haver para ela do que ter sido no mundo a primeira pessoa a *pegar* tão ilustre criança? E a todos contava com justificado envaidecimento o encontro que tivera anos depois com o venturoso afilhado, ele, um sacerdote, tomando-lhe a benção, igualmente como fazia nos seus tempos de menino.

— Que é isso! Vosmicê agora é um padre...

— Nada disso, madrinha. A sua benção! Quero ser como antes...



ou duas vezes por mês saía em desobriga, visitando o seu “rebanho muito amado”, como gostava de dizer quando se referia aos habitantes da Ilha e adjacências.

Há muito tempo não aparecia por aquelas bandas, mais precisamente desde o episódio da expulsão de suas *ovelhas*, forçadas que tinham sido a debandar, quase todas arrastadas ao sacrifício.

E foi exatamente quando tomou conhecimento de todo aquele drama, que começou a ter dúvida sobre a validade do comportamento por tanto tempo adotado junto aos seus fiéis seguidores. Até que ponto contribuíra para o infortúnio material de toda aquela gente? Não só material, já que concluía não ter maior validade aquele dualismo, na absurda separação de um *todo* que haveria de ser uno, indivisível?

Padre Minervino lembrava-se muito bem das vezes que interferira, na tentativa de acalmar os ânimos e, mais que isso, de evitar que *espúrias* e *comprometedoras* idéias se infiltrassem entre o seu povo, coisa que, tinha certeza, há muito já vinha ocorrendo. Então não era para desconfiar daquele comportamento de Tonico e de tantos outros, de quem se lembrava muito bem, sempre armados de perigosas intenções, principalmente Tonico, a alma cheia de ódio, falando sempre a mesma linguagem que, ele, um padre, tão bem conhecia? Não podia haver dúvida de que elementos estranhos estavam agindo às escondidas, possivelmente alguém da cidade, gente interessada em espalhar discórdia. Quem sabe até mesmo aquele funcionário do Banco que, disfarçado de fiscal, por mais de uma vez fora flagrado fazendo insinuações sobre terras, falando de direitos e reformas, idéias que nunca haviam passado pela cabeça daquela gente? Na situação em que se encontrava o pessoal da Ilha, ameaçado de ficar sem suas terras, tudo aquilo era possível. E exatamente por isso a sua preocupação. Como, pois, deixar fermentasse um movimento assim, inspirado de longe, ele, um padre, responsável por tantas almas? Daí os seus repetidos conselhos. Que vigiassem, todos, e ficassem alerta!

— Mas seu Padre, que vai ser da gente?

— Calma, filhos... Calma!

Decorridos aqueles anos todos, Padre Minervino lembrava os conselhos que muitas vezes dera nos sermões que fazia, sempre falando de movimentos parecidos com aquele, que infestavam o mundo todo, não pensassem que era só ali. Que procurassem seguir os exemplos de renúncia e resignação sempre invocados nas belas lições práticas para um viver em harmonia com os preceitos divinos. Os lobos vestidos de cordeiro, quantos não estariam, àquela altura, afiando as garras demoníacas, prontos para atingir a presa fácil que era cada um daqueles homens, temerosos de tudo perder e, por isso mesmo, inteiramente manobráveis?

Zé Pedro, conquanto tivesse ainda algum respeito por Padre Minervino, dele também guardava certa mágoa. Ouvira-lhe todas as prédicas e, que se recordasse, jamais as suas palavras tinham sido de apoio à causa a que todos gostariam de dar-se. Sempre os enfatizados

conselhos de paciência e calma, e as repetidas advertências sobre os perigos que a todos envolviam.

Desde criança, aprendera a ter por qualquer Padre que visse um respeito todo especial. Até mesmo já homem feito, pai de filhos, tinha o costume de pedir a benção a quantos encontrava, na verdade bem poucos, pois raras eram as visitas que faziam em desobriga, às vezes, antes de Padre Minervino, de ano em ano, quando batizavam e casavam em grupo, dando vida de cristão pra muita gente pagã e amasiada. E fora exatamente com ele que tivera maior aproximação, nunca faltando a um chamado seu, fosse para o que fosse. Mas juntamente ele os abandonara. Por quê? Difícil era esquecer os seus conselhos e as severas advertências que fazia a Tonico, cada vez mais só. As mulheres, sem exceção, seguindo-lhe as palavras uma a uma, numa luta constante para tirar da cabeça dos maridos aquela tentação do diabo, só podia ser.

— Cuidado, Zé! Olha o que o Padre falou!...

Por que Padre Minervino teria agido daquele jeito, se das coisas e da vida sabia tanto, ele, um padre, homem de Deus?

Mas Zé Pedro, assim como ninguém da Ilha chegou a conhecer o drama que passou a ser a vida do jovem sacerdote, desde o dia em que tomou conhecimento do que lhes acontecera. Uma enorme sensação de inutilidade lhe enchia a alma. E por mais que, em suas repetidas reflexões, procurasse justificativa para o papel que desempenhara naquela ignominiosa omissão, todas o levavam à sofrer da conclusão de que muito contribuíra para o sacrifício de seu rebanho.

Sabia que lhe faltara, à época, a exata dimensão da história. Os tempos eram outros, e rígidos princípios lhe ditavam o comportamento. Tão fortes eram as influências dos ensinamentos recebidos, que, de nenhum modo, podia admitir conciliação com as novas idéias que de um momento para outro assaltavam o mundo de forma avassaladora e incontrollável. E embora, como a muitos acontecera, tivesse também experimentado o amargo sabor da dúvida, preferia admitir imutáveis os princípios pelos quais pautava

a vida. Por tudo isso pecara. Pecara por fugir ao discernimento, evitando a razão.

Ah! se pudesse retroceder no tempo. As promessas de que todos possuiriam a terra e o alerta de virgília tantas vezes enfatizados, jamais encerrariam o sentido de outrora. O lobo, haveria sim, mas não seria aquele de que antes falara. A bem-aventurança dos mansos e dos pacíficos jamais seria uma condição para o opróbrio, e a paz não viria de graça, como o maná dos céus.

Mas era tarde demais, reconhecia Padre Minervino. Pelo menos para aqueles que, confiante e cegamente lhe seguiram os ensinamentos de outrora, aquela opção chegara com um atraso de quase dois mil anos...



Já fazia algum tempo que viviam na casa de Dona Antônia, e Joana, pouco a pouco, ia voltando ao normal. Zé Pedro não tinha dúvida de que tudo devia aos desvelos da preta velha, às suas rezas e aos remédios feitos ali mesmo, tirados da terra, coisas que só ela sabia fazer. As últimas noites tinham sido tranqüilas, sem

qualquer problema e, daquela última, lhe ficara a certeza de que a mulher, finalmente, voltara à plena consciência.

— Ela está curada, seu Zé.

Nem parece aquela... — disse Dona Antônia, acrescentando um graças a Deus, que só dele mesmo podiam esperar tanta graça.

Zé Pedro, que também dormira a noite toda, na verdade a primeira sem maiores problemas desde que deixara sua casa, se sentia bem como há muito tempo não acontecia, o corpo disposto, sem qualquer dorridinha, e a cabeça limpa de qualquer lembrança amarga. Olhou o céu, e o sol, quase nascendo, espalhava-se em cores pelos quatro cantos da terra. Como justificar tamanha transformação? A alma de Zé Pedro também se corou, parecendo-lhe aquele dia um renascer de tudo o que era bom.

- Viu, filho? Taí tua mulher!..
- Deus lhe pague, Dona Antô-

nia...Deus lhe pague!

Abaixando-se por entre as redes dos filhos, olhou os que ainda dormiam, e seu coração se encheu de esperança. Estavam crescidos e crescendo, principalmente o mais velho, as penugens já se insinuando pelo corpo, num aviso de que em breve seria também homem feito, que homem, embora menino, já era há muito tempo. Jacira, a filha, já carecendo de cobrir-se, o corpo tomando forma de mulher, e os dois botões do peito apertados no vestido justo, quase frutos no ponto de ser colhidos. Por instantes experimentou ligeiro sentimento de ciúme, ou de cuidado, não sabia bem. E se lembrou de Laura, a mais chegada companheira de sua infância, quase adolescência, nos furtivos encontros na beira do rio. Os abraços ligeiros, escondidos em cada mergulho, lá no fundo, o fôlego quase chegando ao fim, e as mãos assanhadas de desejo, sem tempo de nada fazerem do que queriam senão nadar mais um pouco, rápidas, apressadas, para que boiassem distante do lugar do mergulho.

Gostou daquela lembrança.

— Vamos ver quem demora mais embaixo d'água? Jáaa!..

E outra vez a brincadeira, na gostosa simulação que os primeiros arroubos do amor inventava. Ao alcance das mãos ocupadas pelas águas, o corpo de Laura, como o dele, nágua e ardente de tanto querer, embriagados de desejo, os olhos abertos falando tudo, só os olhos falando, e suas mãos tatuando as profundezas, o ar chegando ao fim, um beijo rápido e, súbito, um impulso forte para boiar bem longe um do outro. Pena que não fossem peixes!..

Em meio a tantas lembranças, a de Mariazinha, aquele caso do boto que ela jurava ser verdade, pois de veras mesmo ninguém sabia que qualquer homem a possuía. A pobre cunhantã, nem bem treze anos, grávida e, de repente, presa, sem mais poder sair de casa, os cuidados da mãe na tentativa de esconder o que o mundo já sabia, tardios cuidados. A curiosidade dos meninos, impressionados com a barriga crescendo da mulher-menina, que nem as mulheres, suas mães, e os comentários em cochichos das velhas na beira d'água lavando roupa: "boto, hemm!.."

E o caso da filha de Dona Neusa, a Nelinha, também se pondo moça, os meninos e meninas, bem uns dez, correndo atrás dela gritando pra todo mundo ouvir "foi candiru, foi candiru que entrou nela!.." Coitada da Nelinha! E antes de qualquer tentativa caseira para extrair o intruso ser que se insinuara pelas virgens entranhas de Nelinha, o castigo da mãe, pega, sem-vergonha, bofetes e chineladas que só deverão ter servido para abrandar a vergonha de dona Neusa, vergonha de ter a filha perdido a honra tão bestamente, que candiru, todos sabiam, não deixava por menos.

Pobre Nelinha! Como não deverá ter sofrido com aquela lavagem de álcool misturado com água, mais álcool do que água. Mas que se lembrasse, nunca soube de candiru saindo dela, mas lhe ficando pela vida afora, daquele dia em diante *Nelinha candiru*, culpado que passou a ser o insinuante peixe pelo sangue que, de um momento para outro, tingiu de róseo a água toldada do rio onde todos se banhavam.

Aquelas lembranças todas vieram adoçar ainda mais o coração de Zé Pedro, agora sentado na beira do rio, o pensamento passeando livre, parando de vez em quando, bastava ser bom lembrar.

Que fim levava Laura, a sua mais freqüente companheira de mergulhos e de tantos desejos interrompidos? E Nelinha, coitada, *candiru* pro resto da vida? De Mariazinha, sabia, nascera o filho que, contrariando a informação que todos tinham sobre a paternidade, era menino-gente, curumim sajico e forte, nada tendo do boto senão um pouco da cor dos tucuxis, aquela cor morena, quase roxa, mas nada de boto vermelho, que este sim, diziam, *flechava* moça donzela...

Despertou de suas saudosas lembranças quando Joana, se aproximando sorrateiramente, abraçou-o por trás, dando-lhe um susto. E ali mesmo, como há muito tempo não faziam, os dois amaram sobre a relva verde e úmida. Em cima deles, um céu azul, limpo como a cabeça de Zé Pedro.



Foi Neco Anzolim quem chegou com aquela conversa animada, falando de Manaus como se fosse a solução de todos os problemas. Dizia-se cansado daquela vida de beira de rio, renovando esperança a todo ano, sem nada alcançar do que esperava e, por isso, decidira tentar outra, com mais vantagem, tinha certeza. Iria embora.

A notícia, que com grande alarde se encarregava de espalhar, repetidas vezes lhe chegara pelo radinho de pilha que não deixava desligado um só instante: numa tal de Zona Franca de Manaus, coisa de que ouvia falar todo dia, emprego não faltava pra ninguém, bastava querer. E nem carecia saber nada, era só entrar na fila, dar o nome, tirar carteira de trabalho e esperar a chamada. Serviço para mulher num se falava! Só duma vez ouvira o anúncio de uma firma que precisava de duzentas, trabalho maneiro, cinco dias por semana, bom salário e até comida de graça, além do transporte e assistência médica. Podia haver coisa melhor do que aquilo?

— Juro, seu Zé, juro que ouvi tudo isso. É esse negócio de zona franca. Não é pavulagem não!..

Zé Pedro desconfiava de tanta vantagem. Então por que aquela facilidade toda, assim de uma hora para outra? Zona Franca? Depois que se fizera homem, por duas ou três vezes chegara a freqüentar a zona de Manaus, lá pras bandas da *Pausada*, lembrava-se bem, aquelas mulheres escancarando as pernas, as coxas de fora, os decotes lá embaixo mostrando os peitos e, em cada esquina ou porta, sempre um convite para a cama. Aquilo não era vida. E quanta mulher quase menina ainda que nem a sua Jacira, já metida naquele inferno, mulher da vida, como diziam, disputando homem que nunca vira antes?

— Nada disso, seu Zé. Isso é outras coisa, homem de Deus!.. — E melhor informado que os demais, Neco Anzolim continuou a falar do que sabia sobre Zona Franca, lugar de facilidade e de muito progresso, dinheiro correndo fácil, trabalho pra quem quisesse nas indústrias e, como se não bastasse tudo aquilo, estava assim de construção chamando gente. E tudo com carteira assinada, salário mínimo e até mais, bastava saber sentar tijolo ou conhecer alguma coisa de mestre carpina. Até médico e hospital, se carecesse qualquer um da família, tudo por conta da firma. Não era então muito melhor do que aquela vida de bicho do mato, matança carapanã e mutuca, vez por outra a enchente levando tudo? Esperar mais o quê?

— Lá isso é verdade! — atalhou João Raimundo, outro que também andava há muito sonhando com aquele mundo colorido, cuja fama já chegara a tantos, em quase todos despertando um querer nunca dantes sentido com tanta intensidade.

— Olha, minha gente, isto aqui já deu o que tinha de dar! — arrematava convicto. Mais outra cheia daquelas e queria ver quem agüentava. Estava cansado de começar tudo de novo, de se humilhar pro patrão, “o senhor sabe, a enchente levou tudo... pro ano eu lhe pago...” Não. Não dava mais!

Para João Raimundo a cheia era como a morte, coisa que ninguém desejava mas que chegava sempre, quando, ninguém sabia, mas coisa certa. De uma hora pra outra o aguaceiro subindo outra vez, e novamente aquele corre-corre dos diabos, muda uma coisa daqui, outra dali. Por que então a teimosia de continuar naquela vida? Ia

vender tudo que tinha, não era muita coisa, sabia, mas o que apurasse dava para começar.

Zé Pedro ouvia aquela conversa toda e, embora sentindo que lhe reacendia velha chama, enchia-se de dúvida. De tudo que lhe falavam os amigos, principalmente João Raimundo, homem sério e trabalhador, até que podia ser verdade. Mas onde morar, se também lhe desse na telha aventurar mais uma vez? Jamais esquecera a amarga experiência por que passara quando, ainda bem novo, deixou o seringal, aquela idéia de viver na cidade, na ilusão de vida mais fácil. E isso, soubessem todos, no interior, cidade ainda *jitinha*, todo mundo se conhecendo, ninguém negando ajuda, nem precisava pedir.

— Dá certo não, seu mano. Aqui a gente tem pouco, é verdade, mas não é duvidoso...

— Ora, seu Zé, você se amedronta à toa, homem. A coisa agora é diferente! — E Neco Anzolim retomava a conversa, desfiando as mil vantagens que lhe enchiam a cabeça de tantos sonhos. Manaus o que tinha mesmo era lugar bom de morar. Não era só Educandos e Santa Luzia, como antes, bairros, geralmente, para onde iam os que deixavam o interior. Que fosse ver! Era casa pra todo canto, a cidade crescendo e se espalhando pra todo lado. Tanto *conjunto* que a gente até se perdia. E tudo muito mais fácil. Para os lados de Flores e da Raiz, onde antes só havia mato, bastava chegar, roçar um pouco a capoeira e levantar a barraca. Pras bandas da Compensa, quem se lembrava daquilo ali? Nem se falava! Pois aqueles confins não haviam virado cidade? Uma baita cidade, com comércio e tudo. Só precisava mesmo ter aviso da tal de *invasão* e se meter nela, ser um dos primeiros, roçar o mato e fincar os esteios. Até madeira logo aparecia, tinha quem vendesse, madeira e tudo o mais que fosse preciso. Aquilo parecia coisa arranjada, gente esperta se metendo pra ganhar dinheiro, mas facilitando tudo. E o negócio era ter coragem, escolher o pedaço de chão, fincar pé e as estacas e ficar. O Governo arranjava o resto, luz elétrica e até água encanada, tudo de gente civilizada.

Mas o que muito animava Neco Anzolim era saber que também podia *tirar* casa num *conjunto*, bastava se empregar e esperar um pouco. Casa pequena, mas de tijolo, com água e luz, rua calçada e escola perto, os filhos

podendo estudar. Lá, sim, o Governo olhava para os pobres. Mas ali, naquelas beiradas de rio, que já tinha feito por eles?

Aquela conversa começava a surtir efeito em Zé Pedro que, embora remoesse as suas dúvidas, se mantinha calado. Pensava nos filhos, cujo futuro já viviam naquela vida que levavam, igual à dele e à de Joana, ali e naquilo, vida de pouco ter e de muito esperar, porque o dia seguinte era sempre igual, a mesma coisa dos outros dias.

Voltou para casa e contou para todos as histórias que ouvira, logo despertando nos filhos incontrolável euforia.

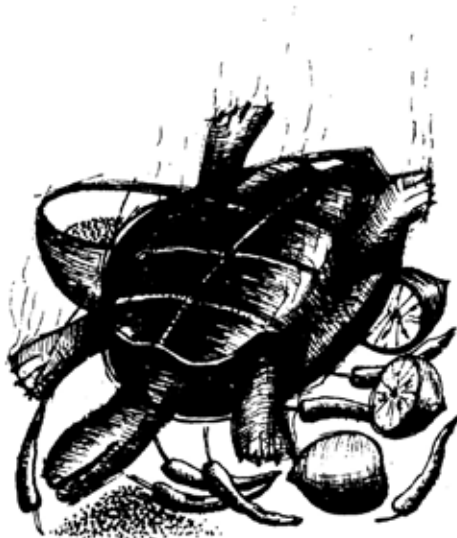
— E tu, mulher, qua acha?

— Sei não, Zé, tenho medo.

Zé Pedro sabia que outra não podia ser a reação de Joana. De medo e de incerteza era feita a sua vida que, só agora, depois de tanto sofrer, parecia mais branda. Que mais podia esperar?

— Vamos, pai. Vamos *baixar!*..

Baixar, que Zé Pedro sabia muito bem, era descer o rio, sair dali, velho sonho de todos. Mas naquele instante a palavra se enchia de outro sentido, tamanha era a dúvida que lhe assaltava o espírito.



num pedaço e noutro, e o paladar aguçado pelo cheiro inigualável da pimenta murupi amassada no pires ao lado no molho de limão e sal.

Chamavam-no de Neco Anzolim, mas bem poucos conheciam a origem do apelido. Tudo começara com o danado daquele iaçá assado na brasa e, entre um gole e outro de cachaça, comido com tripa e tudo.

O pequeno *bicho de casco* rachando em cima do braseiro, a gordura amarela se insinuando

— Ah! seu mano, tá no ponto que é uma beleza!

Mas quem haveria de supor que um minúsculo anzol viesse alterar a vida de Neco Pantoja, modificando-lhe o nome e tantas vezes o humor?

Ribeirinho falante e muito conhecido pelos estranhos casos que costumava contar, nascera para as bandas da serra do Baturité, no Ceará, tornando-se juiteiro depois de também penar um pedaço de tempo no seringal, "soldado da borracha" que fora no tempo da guerra. A juta o levava aos beiradões, e como dera sorte no primeiro ano, safra boa e de bom preço, resolvera ficar mais um pouco, nun-

ca mais podendo sair, preso, sempre, pela esperança de uma safra melhor do que a anterior. Mas até que gostava daquele trabalho.

— Cabra do Ceará gosta de água! — costumava dizer quando lhe lembravam as suas origens, em contraste com aquela vida molhada que levava na maior parte do dia, afogando ou batendo juta, trabalho em que, no seu entender, mulher não se devia meter.

Se lhe perguntassem o porquê daquela restrição que fazia às mulheres, no duro e desconfortável trabalho de afogar e bater juta, a resposta, já conhecida de muitos, vinha sem demora, causando risos e gargalhadas. Então as águas não lavavam tudo? Ora, mulher muito lavada, o *negócio* ficava insosso, perdendo aquele *cheirim*, que aquilo sim, acendia fogo de macho.

Neco Pantoja era também conhecido pela alcunha de Neco da Bota, parceiro que jamais escondera ter sido por alguns instantes da fêmea de um boto vermelho, “um paideguão daqueles”, encontrada quase morta na beira da praia, as partes expostas enchendo-lhe os olhos e aguçando-lhe o sexo, cena que de imediato lhe trouxera a inevitável lembrança de Raimunda, cunhantã por quem vivia morrendo de amores, sem ninguém saber, só ele. Pois foi com Raimunda na cabeça e o coração aos pulos que Neco Pantoja fez sua primeira investida, logo recuando, num misto de gozo e de dor.

— A bicha tava viva ainda, seu colega! — E passava a contar o trabalho que tivera para reduzir as contrações sentidas, que mais pareciam torniquete a estrangular-lhe o erecto vergalho.

Por instante tirou Raimunda da cabeça e resolveu amofinar a indefesa presa de seu animalesco instinto. “Tinha que amaciar a danada!”, dizia, o que só conseguira a muito custo, não se lembrando de quantas cacetadas dera, até deixá-la inerte e desfibrada. Aí, sim, conseguira. E sem pôr nem tirar, dizia, era tal qual mulher fogosa, as entranhas vivas da bota morta devorando-lhe o sexo há muito carente. E naqueles momentos de inesquecível êxtase, outra vez a presença inteirinha de Raimunda, pois a bota nada mais fora que o veículo capaz de permitir-lhe a realização de seu maior desejo.

Neco Pantoja contava aquele caso sem qualquer constrangimento. E daquele dia em diante, jurava, os botos que se cuidassem! Não se importava, também, com o apelido que passara a ter, mil vezes preferido ao outro, o de Neco Anzolim, que este, sim, só lhe trazia vergonha e humilhação.

Ah! o danado daquele iaçá. Com os dedos da mão esquerda pinçando uma das extremidades e os da direita escorrendo de cima abaixo, na tentativa de eliminar eventuais impurezas contidas na tripa do animal, jamais poderia imaginar que o minúsculo objeto responsável pela captura do pequeno quelônio ainda ali estivesse. Um gole de cana, um toque no molho de limão, e aquele sabor selvagem do iaçá na brasa, coisa que de comer melhor não conhecia.

E foi assim, que sem maiores problemas inicialmente, o anzolim passou direto das tripas do animal para as de Neco Pantoja, fato que só veio a conhecer no dia seguinte, quando, ao limpar-se, após a última etapa da digestão do saboroso repasto, sentiu no terminal do longo tubo digestivo a fina e penetrante dor de uma fígada.

Mas se incômoda lhe fora a presença do pequenino anzol, pior de tudo fora a retirada daquele corpo estranho. Para tanto, não teve outra alternativa, após várias tentativas de solitário esforço, que procurar o posto do SESP onde, para seu maior vexame, nenhum médico ou enfermeiro encontrou. Apenas a Irmã Adélia que, com piedoso e maternal cuidado, após comentar com ar de muita seriedade a sorte do envergonhado paciente pelo fato de ter o anzolim feito tão longo percurso sem enganchar-se pelo caminho, conseguiu removê-lo sem grande trabalho.

Neco Pantoja, não obstante os momentos de vergonha por que passara, pondo à mostra a sua parte mais recôndita e, além do mais, para uma mulher, freira acima de tudo, contava na certa que todo aquele drama se revestisse do maior segredo. Confiava na discrição da religiosa, ela que tanta coisa já vira no dia-a-dia de suas caridosas ocupações.

Nunca se soube de quem foi a inconfidência. A verdade é que, de uma hora para outra, no mesmo dia da inusitada experiência, o segredo de Neco Pan-

toja já corria de boca em boca. E daquele dia em diante, Neco Pantoja, cabra macho, nascido na serra do Baturité, *soldado da borracha* e homem de muitas fêmeas, como se gabava de ser, deixou de ser Neco da Bota para ser Neco Anzolim, havendo quem acreditasse que tudo aquilo não passara de vingança dos cetáceos...



regatões, todos querendo a fibra de qualquer jeito, sem maiores exigências de classificação.

— Pago bem, seu Zê. Dou dez cruzeiros acima do que lhe oferecerem... E assim como está. Embola tudo, homem, vamos!

Era a oferta de Joca, conhecido comprador de fibras de juta, regatão há muitos anos, exímio conhecedor daqueles beiradões, de um lado e outro do rio. Maneiroso e interesseiro, dominava algumas dezenas de produtores, a todos conquistando com muita conversa e mil e um artifícios. E nem precisava de muito para ter nas mãos aquela freguesia certa.

— Olhe, seu Zê. Trouxe aqui um agradinho pros meninos. É uma surpresa!.. E lá pra mocinha também... Tá bonita sua filha, seu Zê!.. — concluía o re-

gatão, com os olhos certos em cima de Jacira que, ao lado dos irmãos, ajudava a recolher a juta do varal.

— Mas pra que isso, seu Joca?

Carecia disso não!..

— Leva lá, homem, eles vão gostar. É uma lembrancinha aqui do Joca — acrescentava, enquanto passava às mãos do seu já quase certo freguês um pequeno saco de pano colorido, amarrado na boca, novidade comprada na Zona Franca, que fez seu primeiro efeito ali mesmo, causando enorme susto em Zé Pedro que, entre espantado e sem jeito, desatou a gargalhar, acompanhando em alto tom os histriônicos ruídos eletrônicos do misterioso brinde.

— Esse seu Joca tem cada uma!..

— É, seu Zé Pedro, agora chegou a vez de vocês rirem... Mas vamos lá, vamos fazer negócio! Quantos quilos? Compro tudo e mais que apareça! É isso aí, homem, depois vocês ainda reclamam da sorte. Viu só que preço este ano? Bem diferente da última safra. Isso é que é produto bom de plantar, o preço lá em cima e, mesmo assim, a gente atrás dele, parando num porto e noutro, correndo pra chegar na frente. Vocês têm é que plantar mais, encher de verde esse estirão de vargem!.. Tanta terra e juta mesmo, que é bom, essa besteirinha. Viu no que deu a moleza de só plantar aquela nesguinha? Desta vez podia ficar rico, seu Zé, tirar o atrasado, sair do buraco...

E naquele quase interminável monólogo, meteu no meio da conversa a sorte de João Raimundo. Aquilo, sim, era produção! Mais de cinco mil quilos, fora o que ainda tinha por cortar. Mas não era que o danado estava especulando? Vendera apenas a metade, talvez menos, assim mesmo depois de muito regatear. Já se *livrara* do Banco e ia aguardar melhor preço, quem sabe *comprador do Pará*. Gentinha ingrata estava ali!.. Nos anos de crise, era aquela choradeira, a conta pendurada até a outra safra, uma desculpa aqui, um problema acolá. Aquilo era ingratidão! E se os homens lá de cima resolvessem outra vez importar fibra do estrangeiro? As indústrias não podiam parar por falta de produto...

Pelo menos para João Raimundo, de nada valeram os argumentos do regatão.

— E ele não vai embora, seu Joca? Agora ele e o Neco Anzolim só falam em Manaus, nesse negócio de zona franca e sei lá quê mais — interrompeu Zé Pedro, curioso por saber a opinião de Joca sobre aquele paraiso de que tanto lhe haviam falado.

— Duvido, seu Zé. Duvido que ainda estejam pensando em tamanha burriedade. Com esse preço que a juta tá dando? Aposto que pro ano que vem tá todo mundo de novo batendo juta, muito mais do que agora. Quer apostar?

Joca conhecia muito bem o jeito daquela gente viver e sentir, e já estava acostumado a ouvir conversas como aquela. Conhecia a história de que naquele negócio de plantar e vender juta, “um ano era da caça e outro do caçador”. E sabia que era assim que todos ali pensavam. Naquela safra, “ano da caça”, a caboclada segurando o produto, deixando a juta em pé o tempo que fosse possível, na tentativa de jogar o preço lá pra cima. Mas bom *caçador* que era, não se desesperava. Munção não lhe faltava, e em caçada, assunto que conhecia muito bem, o tempo da espera quem marcava era ele. Ora se caça tinha vez...

— Vamos lá, seu Zé, quantos quilos? Só isso? Quero ver se no próximo ano vai ser assim!..

E voltou a falar dos planos de João Raimundo e de tantos outros que conhecia, velhos fregueses. Morar em Manaus! Aquela gente não sabia o que queria. Fossem pra lá, para ver o que era bom. Comprar jaraqui pelos olhos da cara, pagar transporte, morar espremido num barraco qualquer, lá onde o diabo costumava se esconder, enfrentar fila de ônibus, pagar água, pagar luz, tudo. Aquilo era vida de cão. E trabalho, pensavam que ainda era fácil de encontrar? Nada mais daquela facilidade de construção aparecendo pra todo lado, prédio subindo em tudo que era rua. Terminara aquela fase. Não havia mais aeroporto para construir não. Nem hotel, como aquele paideguão lá pras bandas da Ponta Negra, que levou mais de dois anos dando trabalho pra muita gente, milhares de homens, que até parecia um formigueiro. Agora todo mundo estava no olho da rua disputando o que fazer, menino e gente grande pedindo emprego num canto e noutra, menino e menina “vigiando” carro, pedindo esmola. E o

pior de tudo era que gente que nunca pensou em bulir com o alheio, roubando e até matando, era só ver os jornais.

E voltando-se para Zé Pedro que, preocupado, ouvia aquela conversa como se fosse um alerta à sua sempre renovada intenção de morar em Manaus, perguntou:

— Te lembra do Antonácio? O Totó, aquele que vivia lá pras brandas do Paraná de Cima?

— Lá pros lados da Ilha?

— Sim, o pai daquela menina bonitona, treze anos, mas fêmea pra ninguém botar defeito? Pois olha, homem, a bichinha também tá na zona.

— Na tal de zona franca?

— Nada disso, homem. Na zona mesmo. E cobra caro a danisca. Mas pra viver em Manaus, saindo destas beiradas de rio, tem que cobrar caro. Pensa que Zona Franca agora é moleza?

Zé Pedro não gostou daquela conversa. Naquele instante imaginou a sua Jacira, igual à filha de Totó, se vendendo para viver, a cara lambusada de pintura, aquelas roupas justas mostrando as curvas do corpo, entregando-se a um e a outro, bastava ter dinheiro, talvez o próprio Joca.

Fechou a cara como sempre fazia quando alguma dúvida lhe assaltava o espírito, e, por instantes, ficou a pensar nas tantas vezes que sonhara com a cidade, os filhos estudando, aquela vontade de fazê-los *gente*. *Salvar* pelo menos um deles. E Jacira? Estava uma moça e, como a filha do Antonácio, era também bonita. Bastava se vestir melhor, ajeitar-se um pouco, e lá estava uma mulher...

— Que bicho lhe mordeu, seu Zé? Tá sentindo alguma coisa? — perguntou o regatão, interrompendo o pensamento de Zé Pedro.

— Não, seu Joca... Tava pensando na sorte do Antonácio. Na vida, seu Joca...

Ora se aquilo era coisa com que se preocupar. Pensar no que era bom, isso sim. E voltou a falar da filha de Totó, ao tempo em que arrancava prolongados suspiros. Bichinha boa estava ali! Custara-lhe caro, mas fora lá. E iria de novo, era só chegar em Manaus e descarregar o motor...

Zé Pedro não conteve o ímpeto e, com inusitada violência, pôs o pé sobre a juta ainda amontoadada na proa do batelão, olhando firme nos olhos de Joca, ali mesmo encerrando a conversa. Não tinha mais juta não. Que desatracasse e fosse embora. E que levasse também a porcaria daquele brinde, devolvendo bruscamente o pequeno saco colorido que, em contato com as mãos do espantado comprador de fibras, voltou a desparar em sonoras gargalhadas.

Num pulo rápido o caboclo saltou para terra, enquanto o regatão, assustado e sem graça, se esforçava por fazer parar as escandalosas risadas que ecoavam do brinquedo devolvido. Na beira do rio, contagiados pela hilariante cena, os filhos do juteiro também gargalhavam, sem saber de quê, provocando impropérios de toda sorte de parte do nervoso comerciante. Ah! Aquilo não ia ficar assim não! Cambada de gente ingrata!.. Outra oportunidade haveria, e isso não demoraria muito. Que esperassem pra ver!..

Em terra, os pés no chão, Zé Pedro refletia sobre os motivos que o haviam levado àquela decisiva atitude. Agira na hora certa e, de nenhum modo, poderia deixar de fazer o que fizera. Mas de certa forma aquela provocante conversa lhe servira de lição, ajudando-o a livrar-se de uma vez por todas daquele anseio que há tanto tempo lhe trazia inquietação e dúvida. Dali não sairia jamais. Às ilusórias vantagens do mundo que tantas vezes sonhara atingir, contrapunha, agora, com muita convicção, a realidade daquele em que vivia, muitas vezes adversa, era verdade. mas conhecida e coerente, até mesmo nas suas inquietantes mutações. Realidade da qual ele também fazia parte. Ele e todos que ali viviam. Todos e tudo, naquela simbiose difícil de entender e de explicar, na qual o homem, quase nada, mas inteiro nos seus valores, só dependia mesmo das águas, a cujo regime, só a isso, cabia irremediavelmente obedecer.



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 · 2018



AMAZONAS
CULTURA DE
VALOR

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL